

**Reunião: 4ª**

**Espécie: COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE.**

**Data: 26/02/2015.**

**Início: 15 horas e 27 minutos.**

**PRESIDENTE - SENHOR PAULO FONTELES FILHO**

**O SR. PRESIDENTE** – Boa-tarde a todos e a todas. Sou membro da Comissão da Verdade do Pará e na ausência do Presidente Egydio Sales Filho me foi pedido para coordenar e presidir esta nossa Oitiva. Antes do mais queria saudar todos que estão presentes e gostaria em primeiro lugar de fazer um registro de que há dois dias a Comissão da Verdade do Pará recebeu uma documentação do caso do Senhor Orlando.

O Senhor Orlando era marítimo e foi bastante perseguido, foi preso em Belém e a família escreve uma carta a Comissão e o que é impressionante nessa documentação é que ela é absolutamente farta de documentos do DOPS, documentos do período repressivo da história do nosso País e revela toda a violência do estado de recessão contra os trabalhadores e o caso, me parece que emblemático, que é exatamente do Orlando.

Então, queria fazer esse registro, a filha dele está aqui a Senhora Auxiliadora que é bibliotecária, funcionária pública estadual. Então, vou passar aos membros da Comissão essa documentação para que a gente possa nesse próximo período, naturalmente depois do Seminário das Mulheres, ouvir a família, a Dona Leonice que é viúva do Senhor Orlando.

**O SENHOR PRESIDENTE PASSA OS DOCUMENTOS AOS MEMBROS DA COMISSÃO.**

Antes do mais gostaria de registrar aqui no dia de hoje que vamos ouvir a Dona Isa Jinkings e a Senhora Leila Jinkings que fazem parte de uma família que é absolutamente emblemática no Estado do Pará pela resistência ao regime ditatorial e ao falar disso nós resgatamos a memória emblemática de Raimundo Jinkings que foi uma das mais importantes personalidades na luta no Estado do Pará contra a Ditadura, pela Redemocratização em todo aquele período da vida nacional, mas gostaria de chamar aqui o Jaime Cuellar que é historiador e que é do corpo técnico para fazer uma apresentação tanto da Isa como também da Leila e que em seguida possamos ouvi-las.

Gostaria de pedir para todas as pessoas que forem fazer uso da palavra que pudessem falar seu nome.

Passo a palavra ao Senhor Jaime Cuellar.

**O SR. JAIME CUELLAR** – Boa-tarde. O trabalho que começa a ser desenvolvido a partir desse momento, é fruto de um raciocínio utilizado pela Comissão Nacional da Verdade, criado em novembro de 2011, que deu origem a essa Comissão Estadual da Verdade do Pará.

A Comissão Nacional, dentre as várias propostas de estudos sobre os tempos de Ditadura, pensou no GT – Grupo de Trabalho intitulado Gênero e Ditadura. Nós, aqui no Pará seguindo a mesma trilha também pensamos em estudar e estamos fazendo isso, hoje é nosso primeiro passo dessa pesquisa, para compreender de que maneira se deram as diversas violências contra a mulher, as conseqüências e os impactos.

Segundo a Comissão Nacional da Verdade, a violência sexual ela está em uma perspectiva para além da violência sexual propriamente dita, incluindo a violência contra crianças. Então, nessa trilha é que criamos o Grupo de Trabalho intitulado Memória, cuja linha temática é intitulado Ditadura aqui no Pará.

No âmbito nacional o sofrimento dessas mulheres ganhou visibilidade a partir dos conflitos de resistência. No Pará, infelizmente, não foi diferente e temos um duplo processo de invisibilidade.

A partir do momento em que as mulheres não são citadas pela historiografia, que é escrita por homens, é o primeiro processo de invisibilidade, as mulheres normalmente precisam ser super mulheres para que consigam ter seus nomes sendo citados nos livros históricos.

O segundo processo de invisibilidade é que o Norte, normalmente não é percebido pelo mercado editorial e muito menos pela escrita acadêmica de Sul e Sudeste. O Norte é invisibilizado duplamente aí.

A nossa proposta desse grupo de trabalho do qual faço parte, e espero a partir dos depoimentos das Senhoras Leila e Isa, e a partir da semana que vem teremos novos depoimentos, a perspectiva é de que essas narrativas femininas, normalmente feitas com muita sutileza, consigam dar um novo brilho aquilo que se escreve sobre a história no Pará.

Conversei com as Senhoras Leila e Isa ao longo da semana passada e essa semana, eu já conheci a Isa em um evento anterior que fizemos na Feira do Livro, ambas tem uma trajetória marcada pela participação no Partido Comunista Brasileiro, mas acima de tudo, como bem lembrou o Paulo, pelo nome Família Jinkings. Essa família nunca fugiu da luta, seja como esposa, seja como filha, ambas estiveram sempre marcadas e sofreram e arcaram com as conseqüências dessa marca e as duas não fugiram.

Então, quero passar a Palavra para Isa para que ela comece falando quem é Isa Jinkings e quem é Leila Jinkings a partir especificamente de sua juventude, para que possamos entender qual a identidade dessas duas narradoras e que possamos entender qual o impacto que a Ditadura causou nas duas.

**O SR. PRESIDENTE** - Jaime, antes de passar a palavra para a Senhora Isa, gostaria de registrar a presença da Senhora Dulce Rosa e também Aurileia Belém, que estarão no Seminário das Mulheres na semana que vem. Na quarta-feira, quinta-feira e na sexta-feira.

Registro também a presença do Estevão, que é do Levanto Popular da Juventude. Tem a palavra a Senhora Isa.

**A SRA. ISA JINKINGS** – Meu nome é Maria Isa Tavares Jinkings. Tenho muita dificuldade de falar sobre mim, sempre acho que não tenho muita coisa para falar de mim mesmo, então, anotei algumas coisas a começar da minha infância.

De onde vim tive uma infância feliz, na simplicidade, as ruas livres de carros, brincávamos nas ruas. Meus pais tiveram sete filhos e tínhamos aquelas brincadeiras inocentes de crianças, podíamos ir às ruas, pois não tinha perigo nenhum e o ambiente em que vivi era um ambiente em que meus pais eram um casal muito ligado, muito unido, nunca vi e nem tenho a menor lembrança de ter visto algum desentendimento entre meus pais. Isso talvez tenha criado em mim ou eu tenha passado a ser uma pessoa muito otimista vendo o casamento como a coisa mais linda e aquilo que realiza uma pessoa.

Minha mãe era como uma fada, andava deslizando sempre compreensiva, sempre dando conselhos, cantando.

Meu pai era português e foi um modelo de homem honesto que eu conheci. Ele foi precursor dessas caminhadas que hoje se faz. Era comerciante. Naquele tempo ia a pé para o trabalho de manhã. Voltava na hora do almoço. À tarde, ia novamente a pé e voltava, para fazer caminhada. Ele achava que não tinha por que apanhar ônibus ou bonde - na época nós tínhamos bonde ainda -.

Meu pai era esse homem bom, humano de mais, mas tinha muito medo do Comunismo. Veio de Portugal, com 12 anos com um amigo da família que ajudou a criá-lo e com quem ele começou a trabalhar. O Presidente de Portugal era o Salazar, ele era Salazarista e devem ter criado aquela imagem do Comunismo na cabeça dele. Ele tinha muito medo.

Lembro que uma vez ele ficou doente e, delirando, falava em quinta coluna. Falava para a mamãe em quando eles viessem tomar as coisas dele. Ele tinha essa visão.

Quando menina, às vezes eu lia alguma coisa sobre a Coluna Prestes, sobre o Comunismo e comecei a ter certo fascínio, uma vontade de conhecer. Quando eu lia aquilo achava que não era verdade que o Comunismo era ruim, porque tudo que eu lia parecia que era muito bom.

Cresci assim e ao mesmo tempo eu era uma menina romântica, sonhadora. E o fato mais importante da minha vida foi conhecer o Jinkings. Eu acho que foi o fato mais importante da minha vida. Eu tinha quinze anos. Foi um dia lindo e eu conheci aquele menino lindo.

Eu gostava muito de ler. Lia romances, poesias, eu gostava muito de poesias, tanto que eu escrevia. Fiz vários sonetos e eu fazia com métrica, com rima, para ele, quase todos os meus sonetos eram para ele. Uma vez fiz para um irmão meu que morreu, um soneto.

O dia em que o conheci era a minha festa de humanista que coincidiu com os meus 15 anos, foi o dia em que nos conhecemos.

Eu era do Colégio Moderno e fiz um exame que chamavam de vestibular para o IEP. Ele me apanhava todos os dias no IEP.

Ganhei dele dois cadernos, um era todo de poemas – sonetos – que ele copiava, ele achava interessante. Sonetos bonitos. Uma parte desse caderno era só de poemas para mães, ele tinha perdido a mãe muito cedo e isso o tinha afetado muito, sofreu muito com a perda da mãe.

Foram dois cadernos. O outro caderno era de citações de filósofos. E tinha numa página assim: os filósofos que eu já li. Tinha uma série de filósofos que ele já tinha lido quando ele me conheceu. Ele tinha vinte anos, eu tinha quinze.

Eu era religiosa, principalmente por causa de uma professora de religião francesa, Madame Conti, que era uma pessoa maravilhosa, diferente de todas as professoras de religião que eu já havia visto e foi minha madrinha de crisma. Eu era religiosa e ele se dizia ateu, mas nós nos admirávamos muito, nós nos respeitávamos.

Depois dessa relação com ele, desse nosso namoro, eu comecei a ler outros autores: Graciliano Ramos, Lima Barreto e até dei de presente a ele a coleção de quatro volumes do Graciliano Ramos, Memórias do Cárcere. Já casados, estava grávida da primeira filha, nossa primeira filha foi chamada de Nize, por causa da Nize da Silveira, que foi companheira de prisão do Graciliano Ramos. Ele estava lendo o livro que eu havia lhe dado de presente.

Estudei junto com ele para o concurso do BASA. Quando nós namorávamos, quando nos conhecemos ele era enfermeiro no Hospital da Aeronáutica; ele fez o concurso do BASA, nós estudamos juntos, ele foi aprovado em quarto lugar em Português; ele era só um estudante e fizeram concurso muitos engenheiros, professores universitários, advogados e ele teve um resultado muito bom.

Eu acompanhei as atividades dele no colégio. Ele estudava à noite até mesmo quando nós casamos. Depois na campanha “O petróleo é nosso”, a campanha do petróleo foi muito forte.

Depois como jornalista, nós também ainda não tínhamos casado, ele já começou a carreira de jornalista e nós escrevíamos os artigos juntos, eu sempre o ajudava a escrever os artigos.

Depois sofri com ele as prisões, de vez em quando ele era preso, porque estava fazendo campanha, estava colocando cartaz à noite, como por exemplo, o cartaz da Marcha da Fome, que foi liderada pelo Cléo Bernardo, Presidente do PSB. Ele entrou para o PSB quando conheceu Cléo Bernardo que, aliás, havia sido meu professor de história, e o Cléo Bernardo ficou como presidente e ele como a segunda pessoa, se não me engano, como Secretário Executivo do PSB.

O Partido era pequeno, mas muito forte, tinha muitos jornalistas, muitos intelectuais. Ele foi preso algumas vezes. Depois, escrevendo um de seus artigos, escreveu um contra o presidente do BASA onde ele trabalhava, que era o Gabriel Hermes, denunciando algumas falcatruas que o Gabriel Hermes estava fazendo. Ele foi punido com sua transferência que seria para o Acre, que era a pior Agência do BASA cheia de endemias, ninguém queria ir para o Acre. Aí o Getúlio caiu, o Gabriel Hermes foi demitido e ele conseguiu que a transferência

fosse feita para São Luis, que inclusive é terra dele, ele é maranhense, nós fomos pra lá. Ele foi responder pela gerência de São Luis.

Então, sofremos a primeira separação. Eu estava com uma criança de dez meses, a Nize, e estava grávida da Leila, mas não podia ir junto. A Leila era para nascer no dia 1º de maio, isso foi em 1955, estávamos torcendo que fosse dia 1º de maio, mas ela nasceu no dia quatro. Ela começou a nascer dentro do carro. Foi horrível! Quando chegamos a Beneficente Portuguesa, em um táxi. Ele era magrinho, teve que me carregar sentada numa cadeira, com as pernas bem fechadas, porque a Leila estava começando a nascer pela escadaria da Beneficente a Leila já nasceu assim fazendo barulho.

Bom, em São Luis nós conhecemos... E daí, acho que a Leila estava com 50 dias de nascida, nós fomos, eu, ela e as duas pequenininhas, a Nise tinha um ano e pouco e ela com 50 dias. Ele entrou para o Partido Comunista em São Luis que ele era do PSB, depois que nós tivemos relação com umas pessoas maravilhosas que era o Doutor Wiliam Moreira Lima e a esposa que era uma pessoa maravilhosa, e a Doutora Maria Aragão, ginecologista era do Partido, uma das pessoas mais importantes do Partido. Nós passamos 3 anos em São Luis, ele como gerente, e lá nasceram os nossos dois meninos o Toninho e o Alvarinho, que é o Antônio Álvaro. Eu tinha 23 anos e ele 30, nós já tínhamos 4 filhos.

Aí nós fomos para Bacabal, depois de 3 anos em São Luis, ele foi convidado para assumir a gerência de Bacabal, e lá foi muito bom. Mas, nós tivemos também problemas lá com latifundiário que defendendo umas comunidades, que um latifundiário uma vez quis incendiar as barracas, e ele denunciou, e todo mundo se mobilizou, e o latifundiário que era importante cliente do banco, veio a São Luis e depois veio a Belém para pedir a demissão de Jinkings, ele queria que tirasse o Jinkings de Bacabal. E a população, os comerciantes todos, a população organizaram um abaixo-assinado, acho que todo mundo assinou. E vieram a Belém falar diretamente com o Presidente, e ele não foi retirado, e quando ele voltou em Bacabal decretaram feriado, fizeram uma carreta, festa e foguete, foi um dia muito bom.

Nós voltamos em 1959, voltamos para construir a nossa casa, porque nesse tempo BASA ainda tinha uma coisa muito boa que era a CAPAF, Caixa de Aposentadoria e Pensão dos Funcionários, Previdência. A CAPAF ainda existe, mas nesse tempo ela financiava casa para os funcionários, e chegou a nossa vez, ele tinha se inscrito quando entrou, e chegou a nossa vez, avisaram e nós viemos para construir a nossa casa em 59.

Em 1960, nós fizemos a campanha do lote do Jango, contra o Jânio Quadros, não é. Em 1961, nasceu a nossa filha caçula que foi a Ivana. E nesse mesmo ano o Jânio renunciou, deixou o País numa confusão social, e houve forte resistência. A atuação de Leonel Brizola nesse episódio foi importantíssima, foi a resistência de Leonel Brizola, dos trabalhadores das forças democráticas, dos setores progressistas das Forças Armadas que permitiram com que tomasse posse o Jango que era legítimo. As lutas se intensificavam aqui pelas reformas de base.

Houve o 1º de maio de 62, que foi o maior calo nos militares em 64, um comício armado um palanque na frente do Olímpia na Praça da República. E estavam as autoridades todas, o Arcebispo, o Prefeito, estavam todas as

autoridades, o Jarbas Passarinho, que se eu não me engano, era Governador. E o primeiro orador foi o Jinkings, porque ele Presidente Pacto Operário Estudantil e Camponês, e Presidente do CGT, e ele foi o primeiro orador. E no meio do discurso dele, quando ele falou das ditaduras do Salazar, do Franco, o Arcebispo que era, profundamente, reacionário foi entregou os seus Padre em 64, ele falou: “Fala da Rússia”. E o Junkings reagiu, falou que não permitia que se intrometesse no discurso dele, falta de respeito, e quando ele reagiu as autoridades saíram do palanque: o Jarbas, quem ficou foi só aquele que era Prefeito, esqueci o nome. E esse comício ficou assim como uma espinha para eles, foi assim o que mais incomodou e a maior acusação dele, de agitador, comunista, famigerado agitador.

Nesse período, 62 as perseguições, aí veio 64 o comício de 13 de março, nunca vi o Jinkings tão feliz, porque foram aprovadas a reforma de base, o Jango; isso foi 13 de março, já muito próximo ao Golpe, as coisas estavam se intensificando as lutas.

Então, quando veio o Golpe, que também, o Leonel Brizola, é uma lembrança muito boa que tenho de Leonel Brizola, que foi quem mais resistiu no Rio Grande do Sul com a cadeia da legalidade. Isso dava muita esperança. Eu tinha muita esperança, inclusive, porque havia no setor das Forças Armadas, uns Sargentos que estavam juntos com os comunistas, com o pessoal que lutava pelas reformas.

Mas o Jinking estava em reunião a noite numa Assembleia da CGT e depois foi numa dos bancários e saiu com um documentos que levou ao Liberal para entregar para o Leal para publicar, aí o Leal disse: “Jinkings – ele estava nas reuniões - o pessoal já está nas ruas, os tanques já estão nas ruas lá no Rio de Janeiro”, e ele foi em casa só para se despedir e entrou para a clandestinidade.

Comprou um rádio para me deixar para eu ficar acompanhando um Transglobe. Fiquei acompanhando. Lembro que a noite estava ouvindo já altas horas da noite, o discurso do Jango e as crianças dormindo, e de repente o Jango interrompeu o discurso, ficou aquele silêncio e o locutor que o Presidente tinha ido para o Uruguai, na verdade, ele tinha ido primeiro para o Rio Grande do Sul. Nesse momento eu desabei, lembro que chorada tanto e pensando nos filhos, nas crianças ali dormindo, “O que vai ser dessas crianças?” Porque antes ainda estava cheia de esperança.

Então, ele entrou para a clandestinidade, nesta noite ele já foi para a casa de uma irmã minha, do Doutor Rosário Conte, a Irene que era minha irmã, e meu primeiro pensamento foi assim: ninguém na minha família comungava das mesmas ideias, e o meu primeiro pensamento foi assim: “Nossa, eles vão chegar e vão dizer assim: ‘tá’ vendo o que o teu marido fez, ‘tá’ vendo aí o resultado das coisas que teu marido faz?” e eu estava já com todas as minhas garras prontas para reagir, mas foi totalmente ao contrário, minha família não podia ter sido mais solidária, toda a família, tive toda a solidariedade até porque ficamos numa situação... não tínhamos conta em banco, não tínhamos reserva nenhuma, vivíamos de salário; e a minha família ficou me ajudando até que começaram a pagar uma aposentadoria, muito baixo o valor, mas ficamos, aí ele passou um mês de casa em casa, casa de amigos, de parentes.

Quero registrar a última casa em que ele esteve que foi de um estivador, de nome Miguel Costa, que tinha nove filhos e ele ficou nessa casa durante uma semana num subúrbio onde vizinho entra na casa de vizinho pede açúcar e ele ficou durante uma semana nessa casa e nenhuma das crianças contou, porque estavam preparadas para saber que não era para falar.

De lá que ele saiu quando o BASA mandou uma intimação para ele comparecer sob pena de abandono de emprego. Ele não poderia ser demitido porque tinha treze anos de banco, tinha estabilidade e tinha uma folha limpíssima, não tinha nenhuma advertência.

Consultei o Cleo, que era nosso advogado, que falou “ele tem que se apresentar”.

Um companheiro fez uma negociação e fizemos um esquema que foi muito seguro e esse amigo tinha um irmão preso no Presídio São José que era médico e o Diretor do Presídio era o Capitão Bahia e ele conversou com ele para que se ele desse liberdade para o irmão que ele entregaria o Jinkings, que era o preso mais cobiçado. Ele aceitou e foi tudo armado, o meu irmão foi dirigindo o carro dele buscar o Jinkings na casa onde ele estava, trouxe para casa à noite já bem tarde, no escuro, entrou na casa da minha mãe que era bem do lado da minha, minha mãe tinha feito um portão no quintal

Ele entrou, passou a noite em casa, despediu-se das crianças e de manhã cedo meu irmão dirigindo o carro foi até o Capitão Bahia e foi dirigindo até o BASA e lá ele assinou o ponto e o Capitão deu voz de prisão, tanto que o Alacid, que era quem presidia a UPN, ficou furioso, deu uns ataques porque não foi ele que prendeu.

Ele foi para a Quinta Companhia e eu não sabia para onde ele tinha ido, no dia seguinte eu já estava atrás do Alacid. Eu era toda tímida, mas de repente virei uma onça.

Estava atrás do Alacid para saber para onde ele tinha ido, inclusive pedindo para o Alacid para deixar vê-lo no dia 02 que era nosso aniversário de casamento. E ele ficou incomunicável.

Fiquei procurando com coronéis e generais e fui à Quinta Companhia e lá tinha o Capitão Douglas que era quem comanda a Quinta Companhia e fui conversar com ele e dizer que queria levar a alimentação do Jinkings, porque ele estava doente, não podia comer qualquer coisa e ele dizia que não, até que aceitou que eu poderia levar um complemento para a alimentação dele.

Eu levada garrafa térmica, açaí, doces, tinha dia que dava para almoço e jantar, mas ele sempre incomunicável.

As cartas eram lidas, eu mandava cartas para ele ler, mas antes passada pela censura. Aí eu elogiei muito o Capitão Douglas, falei que era um homem muito sensível.

Outra visita que fiz estava conversando com o Capitão Douglas, acho que eu devia estar me lamentando, e ele me fez uma surpresa, de repente ele mandou chamar o Jinkings, ele estava incomunicável, e o Jinkings veio, ele

estava gelado, tremendo. E tivemos um encontro na sala do Capitão. Ele fez essa concessão antes que ele sáísse da incomunicabilidade.

Tinha também uma pessoa lá que era muito legal, que era o Sargento Urbano. Uma das visitas que eu fiz ao Quartel General, porque fui ao Quartel General falar com o Comandante da Região, acompanhada da Madre Superiora do Colégio Santa Maria de Belém. Minhas filhas estudavam lá e ela quis ir comigo.

Uma coisa muito interessante que até hoje eu não entendo é que durante todo esse mês saía diariamente aquela música de alarme, não sei como chama quando se dá acontecimento trágico, e diziam: “Continua foragido o Raimundo Jinkings, o agitador comunista, Raimundo Jinkings, ex-presidente do famigerado CGT”. Era essa a linguagem, assim. Mas, as crianças já estavam preparadas, já tínhamos conversado, já sabiam de tudo.

Mesmo assim, com essa perseguição e essa pressão pelas rádios, nunca eles foram a nossa casa o mês inteiro. Foram nas casas de todo mundo, fizeram baderna. Na casa do Benedito Monteiro, eles abriam as gavetas da Vanda e jogavam as calcinhas, faziam graça. Eles fizeram muita destruição atrás de materiais subversivos, mas nunca eles foram a nossa casa.

O Jinkings, por decisão do Superior Tribunal Militar, teve alvará de soltura quando tinha 90 e tantos dias de prisão, quase 4 meses de prisão. Aí fizemos uma festa em casa, fizemos um bolo de milho, que o Jaime gosta de lembrar. E quando eu falei do bolo de milho minha mãe, minhas irmãs, minha tia, todas foram para casa esperar. E fui com meu filho, Álvaro, que tinha 6 para 7 anos, buscá-lo. Ele saiu feliz, atravessamos a rua da 5ª Cia para a calçada da praça e quando íamos caminhando na calçada em direção ao carro, parou um jeep do lado e um militar falou: “Você é Raimundo Jinkings”? – Sou. “Você está preso”. Quer dizer, assim, um sadismo, essas coisas que mostravam sadismo. Era o Coronel Iranis de Carvalho, que era Presidente do IPM do BASA, e ele mesmo, às vésperas desse dia, tinha declarado que não havia nada contra o Jinkings como bancário. Daí, ele foi preso no Quartel do 26ºBC e ficou durante um mês.

Durante essa prisão dele, que eu saía para falar com todo mundo, eu me desestruturei totalmente uma vez que saiu um artigo do famigerado João Malato, que era um jornalista da Folha, cujo título do artigo era “Deus, no rastro de um fujão”. Estava tão asqueroso que a minha tia me encontrou em casa numa rede em prantos, soluçando, porque eu andava de cabeça erguida, andava tranqüila. Minha irmã dizia assim: Ninguém que te vê vai pensar que tu não sabes onde o Jinkings está. E eu dizia: eu quero que venham me perguntar para dizer que eu sei, mas não digo. Mas, nunca me perguntaram por que não vieram a minha casa.

Eu tenho guardado esse Artigo do João Malato, que de poucas pessoas eu tenho tanto ódio até hoje, que eu quero que ele esteja ardendo no inferno.

Durante muitos anos vivenciamos a violência, armadilhas, os processos caricatos da Polícia Federal.

Na livraria, continuamente eram uns fiscais do IAPAS, que era no momento do Ministério do Trabalho, era uma perseguição constante.



Em 1985, o Partido Comunista conquistou a legalidade.

Nesse período em que eu estava em São Luis e que tivemos essa relação desse pessoal e tal, eu digo que já era comunista sem saber. E durante o tempo em que o Partido esteve na ilegalidade, na clandestinidade, eu sempre sabia de todas as atividades, eu participava, mas ele tinha muita preocupação e tinha combinado comigo de eu fazer as coisas e ficar na retaguarda, por nós termos cinco filhos, e já pensou se os dois fossem presos, o que aconteceria com as crianças? Então, eu ficava muito na retaguarda, algumas vezes eu participava de reuniões, mas de um modo geral de nada ostensivo.

Quando o partido conquistou a legalidade o Jinkings foi eleito presidente e eu fiquei na executiva, um jornalista fez uma entrevista com o Jinkings sobre o círio, se ele acompanhava o círio, e sobre o PCB junto à população. O PCB dava uma ideia antirreligiosa à população, nós até respondemos juntos também. Essa imagem negativa do partido, do comunismo, que foi criada, foi elaborada pelo imperialismo e cultivada nos Estados Unidos, mostrava como se o partido imprimisse na mente das pessoas, do povo que já era oprimido pelo medo daquela situação toda, a ideia de que o Partido era ateu, anticristão, e que dissolvia as famílias, que pregava o ódio, principalmente isso de dissolver a família, falavam que mandavam os filhos serem educados na Rússia.

Então, nós respondemos que cabia aos comunistas desfazerem essa imagem mostrando que nada é tão semelhante e até idêntico ao cristianismo do que o comunismo. Nós colocamos que para Marx o comunismo é a sociedade sem injustiça, sem egoísmo, o que, para os cristãos, é o reino de Deus na terra.

O preceito de Marx de cada um, segundo a sua capacidade, segundo as suas necessidades, é o mesmo preceito da solidariedade entre os cristãos, que é o que tem de mais forte entre os cristãos, para os primeiros cristãos, tudo era de todos. O Amor ao próximo para o cristão é o princípio da solidariedade que é a coisa mais forte entre os comunistas. Os cristãos chamam-se de irmãos, os comunistas de camaradas.

A palavra comunhão tem o mesmo significado de comunismo. O Ernesto Cardenal dizia que para ser cristão a pessoa podia ser Marxista. E veio um sacerdote do Chile e falou: “-Olha, nós religiosos do Chile dizemos que o cristão, para ser autenticamente cristão, ele deve ser Marxista”. E o Cardenal acrescentou que não foi a leitura de Marx que o levou ao Marxismo, mas sim a leitura do evangelho. Então, essa foi a resposta que demos para o jornalista.

Bom, nós lutamos muito. A luta interna dentro do partido foi muito forte, aqui no Pará foi ignóbil as traições, o golpe. A Resolução do 9º Congresso do partido foi de manter todos os princípios Marxista/Leninistas, a sigla, os símbolos. Eu fui bem votada para a Executiva nesse congresso e a Leila foi mais ainda para Executiva do Partido.

A convocação do 10º Congresso Extraordinário que foi a saída dos golpistas para conseguir o que eles queriam foi à consumação do golpe e aí nasceu mais um Partido de direita que foi o PPS. Nós retomamos o velho PCB mantendo sua sigla, seu símbolo, marxismo/leninismo, mas foi assim o começar tudo de novo. Para poder registrar o partido em todos os municípios que são

muitos, os municípios do Pará, mas conseguindo a duras penas, acho que essa luta consumiu muito as energias e por ultimo a vida do Jinkings e esse foi o golpe mais duro da minha vida, das nossas vidas.

**O SR PRESIDENTE** – Obrigado, Dona Isa. Gostaria de registrar aqui a presença do Deputado Carlos Bordalo e convidá-lo para somar aqui conosco a Mesa, Deputado que é Membro da Comissão.

Gostaria de propor que nós pudéssemos passar a palavra para a Leila e depois abríamos para as intervenções, para as perguntas e para as questões. Tem a palavra a Senhora Leila Jinkings.

**A SRA. LEILA JINKINGS** – Boa-tarde a todos. Meu nome é Leila Maria Tavares Jinkings. Fiz algumas anotações mais antigas, acho que o Jaime está esperando que eu fale mais quando voltei de Brasília, mas estava querendo registrar que tenho uma origem, a mamãe até falou, eu nasci no meio de uma confusão danada, com 50 dias fui para o Maranhão e quase fui para o Acre. No meu registro que acho que é o que forja a nossa personalidade, você vai forjando aos poucos e ninguém fala para você, você vive aquilo, observa e eu tenho lembranças assim de 4 anos, lembranças muito marcantes.

Então, anotei aqui algumas coisas, mas antes queria agradecer esse convite porque é uma oportunidade de relembrar porque essas coisas a gente lembra de vez em quando, mas não sistematizamos. Então, foi muito emocionante, eu não conseguia passar, em 1982 o Jaime já estava passando lá para nos pegar.

Eu anotei aqui algumas coisas; essa questão da resistência em Bacabal eu tinha 50 dias, mas aí depois com 2 anos fomos para Bacabal no Maranhão. Tenho lembrança desse Nicanor que era o latifundiário de Bacabal. Lembro bem que nós passávamos e cantava “Eu vi o Nicanor com um facho na mão”; era o papai que inventava essas musiquinhas porque lembro bem disso, então são umas coisas que marcam muito. Também tinha um bode que não é muito politicamente correto, mas ele pintou de vermelho, isso é uma lembrança muito atraente.

Lembro que iam muitos amigos, muita gente procurava por ele, ele era muito querido, então nós como filhos era muito gratificante, sempre estávamos vendo pessoas humildes e de todos os níveis.

Tenho uma lembrança quando éramos muito novos, mas em 62 lembro de termos participado de uma campanha, ele saiu candidato a Deputado e lembro-me do slogan que ele tinha: “Contra a carestia”. E queríamos saber o que era carestia, e tudo era um aprendizado. Fazíamos goma e saímos para colar cartazes nos muros e isso foi talvez uma primeira atividade.

Depois foi muito frustrante porque ouvimos no radio, eu pelo menos tenho a lembrança de ter ouvido no rádio, que foi impugnada a candidatura dele, então ele estava sendo bastante votado, mas sua candidatura foi impugnada e não

sei explicar, creio que a mamãe vai explicar depois, só lembro disso que foi impugnado por conta do Partido, ele era do PSB a coligação era PSB e PTN.

Em outra coisa que penso é que eram tempos felizes. A repressão existe e como hoje se vive esse resquício da ditadura, da policia arbitraria, policia autoritária, essa policia violenta que temos também naquela época já tínhamos essa policia que tinha vindo de Getúlio de praticar a violência contra os trabalhadores, mas foram momentos felizes.

Lembro também de muitos amigos procurando o papai e um dia ele saindo, ouvi que ele iria buscar um operário que levava uma camisa para ele, porque a camisa que ele iria sair da prisão não cabia, porque a mão dele estava inchada e a camisa não entrava. Então, aquilo me marcou e chamou muito minha atenção, foi mais uma coisa que aguçou a minha curiosidade contra essa arbitrariedade toda.

Nesse processo percebemos que o clima lá em casa foi mudando, as reuniões eram mais tensas, as cortinas não se abriam, as luzes da frente ficavam apagadas, as reuniões eram aquela coisa... sempre os amigos, os camaradas brincavam conosco, era tudo uma brincadeira, alguns adorávamos e depois já não brincavam mais, então era aquela coisa muito tensa, o papai muito tenso.

Estava falando da época em que éramos felizes, porque ele era o Presidente da CGP e as lembranças das festas que eram populares, as grandes reuniões e festas que eles davam na CGP para os trabalhadores e estávamos sempre lá, era muito advertido, era uma coisa bonita de ver, era uma solidariedade, aquela amizade.

O papai ensinava a meu irmão Antonio uns discursos, então ele subia no palco, pedia licença pegava o microfone e discursava. Eram dois discursos que ele gostava, um era: “Fidel Castro derrotou o imperialismo em Cuba, os brasileiros também podem derrotar o imperialismo no Brasil.” E o outro: “Façamos a reforma agrária, libertemos o homem do campo. Viva as ligas camponesas! Viva Chico Julião!”

Nós sempre o aplaudíamos e ele fazia sucesso. Mas lembro muito o tom que papai ensinava: “Viva as ligas camponesas, viva Chico Julião!”. Nossa, aquilo nos empolgava, já era uma coisa revolucionária na nossa mentalidade, pelo menos na minha lembrança é muito forte.

Estudávamos, na época, na escola do BASA, nunca existiu escola melhor. A escola era feita para os trabalhadores do BASA, eram professores ótimos. Era uma escola que não tinha aquela religiosidade, aquele conservadorismo, os professores tinham certa autonomia e eram muito carinhosos, era uma escola maravilhosa. Foi a melhor escola que eu já estudei na vida

Foi muito interessante quando veio o Golpe. É que lá éramos respeitados, admirados, mas na rua de casa éramos hostilizados pelos coleguinhas porque os pais, reaçã, então...

Escrevi um artigo - depois eu passo para você, Jaime - o qual intitulei: “O Famigerado Comunista”. Uma das minhas lembranças é a de que saíamos de bicicleta, à tarde, para passear – eu usava mais a bicicleta, a Nize era

muito estudiosa ficava em casa e eu ficava com a bicicleta só para mim - e quando passávamos, quase na esquina tinham as filhas do juiz Falcao, ficavam sempre na janela. Quando passávamos: Êh filha de comunista! Eu não sabia bem o que era ainda, eu tinha oito anos, e aí fui perguntar. Foi um pouco antes do Golpe isso, já estava aquela tensão toda, mas papai ainda estava em casa. O que é comunismo? A minha lembrança é de uma revista que eles foram mostrar, ele e a mamãe, era Fatos e Fotos ou Manchete, uma foto imensa preto e branca, acho que era uma ação solidária dos comunistas. Foram libertar, não sei, alguma coisa assim que representava isso. Uma foto dupla, até hoje está na minha cabeça aquela coisa, um povo assim meio em fila e tal. “Isso aqui é assim: nós somos amigos dos comunistas. Os comunistas vivem assim:...” Aí explicaram que eles eram solidários, ajudavam as populações oprimidas. Poxa, que bacana, saí orgulhosíssima de meu pai. Ele não falou que era comunista, falou que era amigo dos comunistas, porque era um pouco mais....

Fiquei orgulhosíssima. Aí falei: pois é, mas a filha do Falcao está chamando a gente de filha... “Diz que ela é filha de fascista.” Papai era muito brincalhão.

Foi ótimo porque saíamos à tarde e era uma guerra. Eu já ia preparada: - Êh filha de fascista! Aí ficou em pé de igualdade.

Não sabiam o que era comunista porque o pai era um reça, nem o pai devia saber.

Mas não era só ela. Tinham os outros que eram vizinhos dessa que não lembro bem a família, eu me lembro do nome dele, o Edson. Papai já tinha entrado na clandestinidade, tinha havido o Golpe e brincávamos muito na calçada. Antigamente não era como hoje, não ficávamos em casa, ficávamos nas calçadas brincando de pira, de bicicleta, de pega-pega. Aí esse Edson a primeira vez falou: “Olha, sabe o pai de vocês? Pegaram ele lá na Cinelândia, no Rio, prenderam ele.” Falamos com a mamãe. “Não, não, falei com ele.”

No dia seguinte ele veio e falou que papai tinha sido assassinado vestido de operário. Saímos em pranto e fomos falar com a mamãe. Ela disse: “Não, não é verdade.” Disse que tinha falado com ele, que tinha notícia e tudo, para ficarmos tranquilos, mas claro que não ficávamos. E eu na minha lembrança, inclusive nesse Artigo falo isso, mas foi uma coincidência, ela o trouxe no dia seguinte para mostrar que ele não estava morto e que estava bem. Na verdade, ele tinha ido pra casa, pra se entregar, ele estava vestido de operário. Isso eu lembro muito bem, ele estava com macacão de operário. Foi muito emocionante nos chamar no meio da noite, num quarto que ficava atrás, assim em cima; não podíamos acender a luz, nem se levantar acima da janela. Ficava todo mundo sentadinho no chão. Estava o papai com esse macacão e esse amigo que não sei quem era que estava com ele, uma pessoa havia levado ele, sei lá; a mamãe e foi muito emocionante esse momento. Ele muito carinhoso, muito atencioso sempre, e aí aquele momento pai também, não é? Ele: “Olhem a mamãe, deem atenção pra mamãe”. Não sei o quê, foi inesquecível isso.

Então, na minha lembrança ele foi ali pra dizer que estava bem e pra dizer que não estava morto, mas que no dia seguinte iria se entregar, ele iria ser “preso”. Era dia 31 de março ou dia 1º de março. Ele se entregou que dia mãe? Que dia ele foi preso?

**A SRA. ISA JINKINGS** – Foi dia 30...

**A SRA. LEILA JINKINGS** – De abril? Tá, então isso foi dia 29 para o dia 30, não é?

Depois o papai passou um tempo incomunicável, mas antes mesmo dele ser tirado da incomunicabilidade, lembro-me de ter ido um dia com a mamãe na quinta Companhia e nós avistamos o papai na sala, em frente onde agora é aquele O Boteco...

**A SRA. ISA JINKINGS** – Ele iria sair para prestar um depoimento e estava aguardando, então coincidiu com a hora em que faríamos a visita e ficamos assim, sem poder ir lá dar um abraço. Era proibido. Aí um de vocês foi correndo e o abraçou.

**A SRA. LEILA JINKINGS** – Aí a mamãe: “Vai, vai lá”. Os guardas deixavam a gente passar, só criança. Mas a mamãe mandou um bilhete por mim que era um recado do advogado, o velho Alarico Barata, mas eu era tão discreta, e eu me achava muito camarada dele e entreguei tão secretamente o bilhete que ele não viu. Eu botei dentro do bolsinho dele, ele não viu. Eu dei um beijo, o abracei e não falei nada. Então, quando voltei, a mamãe ficou preocupadíssima: “Você não falou pra ele?”. Aí ela fazia um sinalzinho assim pra ele saber que tinha um bilhete no bolso dele, que eu tinha levado e colocado, não é?

O interessante é que nós tínhamos um orgulho danado. Nós nunca tivemos dúvida de que ele representava pra nós o bem. Ele estava enfrentando as maldades, as injustiças. Tanto que uma vez eu convidei uma colega pra ir a prisão visita-lo junto comigo. Eu disse: Vou visitar meu pai que está na quinta companhia. Ela foi comigo, eu levei uma amiga, uma colega da escola do BASA.

E tenho essa lembrança muito boa da família da mamãe. A família da mamãe é tudo ‘reaça’, até hoje são ‘reaça’; nenhum mudou. Eles foram super solidários, mandavam roupas pra nós e não tínhamos o menor problema com isso. Chegavam àquelas sacolas de roupas da tia Irene, que era a mais bem de vida. Então, vinha um bando de roupinhas muito boas, e escolhíamos e tal, o que era de quem; e comida, também, alimentos; lembro-me de chegar bons alimentos, frutas, essas coisas que não tínhamos condições de comprar, porque ele foi demitido, aposentadoria compulsória que era ridícula.

Depois que ele saiu da prisão veio a feira, também, outra coisa que para nós era um motivo de orgulho e, também, era uma novidade, participávamos, ajudava aquilo era mais uma fronteira que papai abria, ele saiu e montou uma banca na Feira Batista Campos, foi ser feirante e nós íamos ajuda-lo.

Depois ele tinha uma relação com as livrarias e conseguiu representar algumas livrarias, foi assim que começou a livraria. Ele viajava muito, antes do golpe, ele viajava para reuniões no Rio, em São Paulo, do

Partido, da CGT, devia ser assim da GPT porque ele é o Presidente Regional do Comando Geral, e ele sempre trazia um livro para cada uma, ele sempre trazia um livrinho. Então, ele já era um consumidor de livro e, também, nós passamos a ler a partir dessa idade, assim antes de, eu tinha 8 anos e me lembro que adorava receber livros de presentes. E, também, ele trazia roupas. Lembro-me até hoje das roupas que ele trazia, como ele tinha bom gosto, e, também, não sei porque sempre era vermelho para mim, não sei se eu que escolhia, e até hoje adora vermelho.

Lembro das roupas porque eram boas, ele trazia boas roupas e de bom gosto.

Tem uma coisa, também, acho que foi nessa época, que ele disse para a mamãe nos entregar talvez, um livro, acho que foi o primeiro livro assim mais engajado que foi: “Eu Gregório Bezerra Acuso”. E a minha irmã leu: Até Quarta, Isabela, do Chico Julião. Então, foram os dois primeiros livros que ele nos entregou. Então, o nome da filha dela é Isabela, também em homenagem a avó porque coincide.

Foi assim que fomos entrando, criando essa consciência, mais consciência, porque tínhamos uma coisa quase que de nascença, as vezes digo que nasci comunista, sou comunista de nascença; mas sabemos que não acontece, tem muitos filhos de pais que têm consciência e que enveredam por outros campos.

Outra coisa que tenho gravado, também, que me impressionou, é que eles tinham uma vida social, eles saíam para dançar, não sei com que frequência, isso a mamãe pode falar melhor. Mas lembro-me de eles saírem para dançar e tem uma cena que ficou muito gravada: eles chegaram de um baile de carnaval, e a mamãe com as axilas toda verde, porque a camisa dela era verde vivo, e as axilas todas verdes. Então, eles bailaram bastante e a camisa manchava. Então, essa cena ficou gravada até porque eles não saíram mais para bailar.

Então, acho que tem essa coisa do golpe e, principalmente, tudo porque ele foi preso, não ficou tanto tempo preso como outros, mas ele tinha o sofrimento de saber: alguns mortos, alguns sendo torturados, era uma coisa assim que mudou, eu nunca mais vi eles saírem para dançar. Essa, pelo menos, é a lembrança que tenho viva, muito viva.

Em 1968, eu já estava totalmente interessada; eu e a Nice começamos a ler um pouco de marxismo; a Nice é um ano mais velha. E o papai evitava, dizia para evitarmos até porque 68 era violento. Então, tinham aquelas manifestações e em 68 eu tinha uns 13 anos, 12 anos. E ele evitava e dizia: Não vão, vai ser violento e tal. E não teve jeito eu fui, consegui um primo meu para me acompanhar, o Asca, porque não deixaram eu ir sozinha, convidei o Asca e o Asca foi por solidariedade a mim, e eu fui de uniforme do colégio, porque as freiras passaram de sala em sala e disseram que não era para ir de uniforme do colégio, aí eu fiz questão de ir com aquele uniforme feio, mas que era proibido e eu fui e ainda pedi um veuzinho preto da mamãe emprestado, e eu fui empolgadíssima. Não, era Santa Maria, e as freiras nem eram tão reacionárias assim, mas claro sempre são divididas. Então, foi super bonita, foi a missa do Edson Luiz ali no Largo de Santana, foi super bonito.

Eu tenho umas lembranças depois disso, é muita turbulência, muita coisa, muita notícia que chega. E nessa época nós já tínhamos a livraria. Em 1965 nós fundamos a livraria lá em casa, um escritorzinho que tinha na frente, depois os livros ficavam espalhados pela casa inteira, pela casa inteira, ia até na cozinha tinha livro, tudo, tudo.

Então, o pessoal que começou a frequentar a livraria, ficou, entrava e sentava até na cozinha, tomava um café. E nós já conhecíamos as pessoas, tinham pessoas muito habituais, que frequentavam muito ali. E eu lembro uma vez que chegou alguém assim muito furtivo, e eu fui ver o que era e estava assim, numa salinha que ficava um pouco mais atrás, que trazia uma carta do Araguaia, era uma carta do Araguaia e o papai ficou preocupado, e ficaram naquela conversa muito.... E eu fui me meter. E eu vi que a carta tinha manchas de barro, que eu na verdade fiquei em dúvidas se era barro ou se era sangue, porque eu ouvi a conversa que estava muita repressão, que tinha matado, mas o papai não quis falar muito sobre o assunto. E eu sei que era um Padre que trazia, ou um Padre que havia enviado, mas vinha por meio de um Padre. É só essa lembrança que eu tenho, mas que me impressionou, e já me chamou muita atenção para a questão da guerrilha do Araguaia que recebiam as notícias e era difícil.

Na livraria também chegava a polícia federal de repente e levava livro que tinha capa vermelha, se tivesse nome a reunião do Drumond também era subversivo, livro sobre cubismo também era subversivo porque lembrava Cuba, tudo, era um bando de ignorante. Hoje em dia parecer que melhorou o nível, mas era muito... Era muito, até piada. E temos sempre essa lembrança da livraria na nossa casa sendo invadida.

Aí depois em 1975 eu fui para Brasília, porque eu tinha feito vestibular aqui para arquitetura e resolvi casar, e fiz outro vestibular em Brasília também para arquitetura, e cursei, fiz o curso de arquitetura todo lá. Mas, era 75 e a minha filha nasceu logo. Não, eu fui em 1974, mas fiz vestibular em 1975 o outro vestibular. Aí a minha filha nasceu então eu tive que trancar um semestre, cursei mais um semestre, depois nasceu a outra a segunda, e eu cursei mais um semestre. E quando chegou em 1977 eu era um pouco caloura ainda, porque era uma estudante que cursava um semestre e trancava outro e não tinha me enturmado, e não tinha mais uma turma que, o pessoal que tinha entrado comigo já estava mais na frente.

Em 1977 começou a movimentação de pressão ao retorno.

Tinha um reitor que era um Capitão de Mar e Guerra, terrível, um cara que era ligado ao SNI, ao Serviço de Informação.

Começamos a pressionar, a ter muito movimento, fazíamos passeatas internas, muita pintura de faixa e eu era muito enxerida, então, isso dificultava um pouco a minha relação porque eu queria entrar para um partido e as pessoas me achava muito enxerida e desconfiavam, porque, afinal de contas, em Brasília não era o mesmo que estar em Belém. Aqui em Belém se eu falasse que era filha do Raimundo todo mundo me conhecia, mas lá eu não era ninguém, não tinha referência de uma família. Era difícil, tive muita dificuldade.

Às vezes eles me achavam meio ‘porra louca’, porque eu queria entrar para um partido, até que comecei a fazer uma certa agitação por conta própria.

Diante da dificuldade que se criavam, eles prendiam estudantes e eu sempre conseguia me desvencilhar.

Eles prenderam duzentas pessoas em um cerco e numa última hora uma amiga minha me puxou antes do cerco fechar e, então, fui para o movimento para tirá-los de lá, de denúncias, porque foi uma no inteiro de estudantes presos.

Por sugestão minha juntamos um grupo e formamos uma reunião de pais de alunos da UNB.

Pedimos uma sala no UCC, que é o minhocão, que tem os anfiteatros, e no dia estava fechado e tinha um cartaz dizendo que o reitor tinha proibido aquela reunião, que não teria.

Um dos pais eu conhecia, um Senhor que tinha uma loja de loteria, acho que ele era bancário também. Estava também a mulher do Marcus Freires, a Ana Carolina, e eu disse: “Vamos fazer o seguinte, vou fazer um anúncio no jornal e chamamos uma nova reunião. Vocês pagam esse anúncio? Pagamos. Quanto é mais ou menos? Uns cinco mil cruzeiros”.

Fui para os jornais, eu, sozinha, nesse dia fundei uma Associação de Pais de Alunos da UNB. Cheguei ao jornal, fui procurar o Correio Brasiliense, que era o mais lido, acho que o nome da mulher que dirigia lá era Olímpia, sentei com ela e disse: “Tenho a incumbência de colocar um anúncio, porque queremos chamar uma assembléia da associação de pais e alunos, e queremos colocar na primeira página o anúncio”.

Ela pegou o telefone e na minha cara ligou para o reitor e disse: “Olha, Zé Carlos, tem aqui uma moça da Associação de Pais e Alunos querendo colocar, não sei o quê”. Na minha cara, nem pede para eu sair, cara de pau.

Fiquei chocadíssima com aquilo.

Então, ela disse: “Olha, ele está dizendo que não existe nenhuma Associação de Pais de Alunos da UNB”. E eu disse: “Mas existe, nós fundamos uma Associação e estou representando, e nós pagamos”. “Não”.

Aí fui ao Jornal de Brasília e eles assentiram, toparam e nós colocamos o anúncio.

No dia da Reunião, acho que uns dias depois, saiu uma nota do reitor proibindo aquela Reunião, recomendando aos pais que não fossem, na capa dos dois jornais, tinham pessoas apavoradas, uns foram outros não foram.

Conseguimos um número pequeno, mas estava lá a polícia, a Polícia Federal ostensivamente, então, aquilo intimidava.

Enquanto isso, alguém que tinha contato com o padre da progressista, esqueci o nome da Igreja de Fátima, na 906-Sul, mais ou menos, acho que é Santuário de Fátima. Ele era um padre que cedia espaço e que ajudou muito o movimento social. Então nós chamamos a próxima reunião pra lá, e ele disse: Olha, se vocês quiserem fazer um ato ecumênico podem fazer, e tal. Então



fizemos um grande ato ecumênico. Isso foi noticiado nos jornais, foi bacana. A associação começou a crescer. Eram uns cem pais que apareciam, acho que começou a juntar pessoas até de fora. Nessas alturas vi que tinha alguns puxando um pouco pra coisa morna e a minha desculpa pra chamar é que eu dizia: Olha, nós vamos reunir para levar esta carta que os estudantes foram presos ao entregá-la... Porque os estudantes tentaram entregar uma carta ao Ministro da Educação, Ney Braga, e eles foram presos; eram uns três ou quatro. Então, peguei esta carta e disse: pois nós vamos entregar. A Associação de Pais e Alunos da UNB vai entregar esta carta. Chamei a mamãe: Olha, vai ter que vir um de vocês pra cá porque os pais estão muito devagar, precisa ter alguém mais incendiário. E aí a mamãe foi e ficou muito presente. Era das dez mais a frente, sempre. Saiu em tudo que revista, tem foto dessa tal da Comissão de pais de alunos e a mamãe sempre lá.

Fomos ao Congresso falar com o Petrônio Portela, que era o Presidente do Congresso. Enfim, fomos a tudo quanto foi autoridade, e aparecia, a imprensa cobria. A “Veja”, nessa época fazia jornalismo. Saiu na “Veja”, na “Isto É”, no jornal JB, o Estadão e Folha cobriam razoavelmente. E aí marcamos finalmente a Audiência. Já tinha certa divergência na associação porque tinha entrado alguns proeminentes advogados um tanto, mas com aquela coisa um tanto comedida, e eles acharam que não tinha nada a ver entregar aquela carta, que tinha que fazer outra carta, aquela carta muito burocrática e tal. Então peguei essa carta dos estudantes e dei para a mamãe: Olha, mãe, é esta carta que nós nos comprometemos com os estudantes. Está aqui a carta e entreguei a ela. Quando elas entraram no Gabinete do Ministro, estava a imprensa na antessala, que era JB, Folha e Estadão. Lembro bem que esses três estavam. E já entreguei a carta pra eles. Falei: Olha, eles vão lhe entregar esta carta. Então, ela: “Opa!” Aí dei umas dicas. Elas já estavam instruídíssimas quando os pais saíram de lá, e a mamãe com uma carinha assim, porque ela foi entregar, mas os pais... Ela foi até hostilizada porque os pais foram com a carta oficial e ela foi com a cartinha: Olha, mãe, esta cartinha aqui é que os estudantes foram presos. Não lembro muito bem o que ele falou, parece que ia fazer de conta que nem tinha recebido. Alguma coisa assim. Fez uma ameaça velada a ela, mas ela saiu e foi falar comigo. Eu disse: Olha mãe já está nas ruas, já entreguei para todos os jornalistas. No dia seguinte saiu na primeira página dos jornais a nossa carta, que era muito mais interessante.

Então houve um racha, que depois essa comissão foi até reunir com o Zé Carlos, o Capitão de Mar e Guerra. Acho que a mamãe não foi nessa, nós não fomos, deixamos para os outros falar com o Capitão de Mar e Guerra. O Reitor chamou para fazer não sei que tipo de acordo.

Então, foi um período de muita agitação, tínhamos até que ter uma certa criatividade. A minha filha tinha uns dois anos e meio, tem uma foto dela muito engraçada onde ela está folgada na mesa do Petrônio Portela pegando uns biscoitos de água e sal, deitada, folgada, esperando a reunião acontecer, ela lá muito tranquila, e o jornalista aproveitou, porque achou muito interessante.

Com essa movimentação toda o DCE finalmente me abordou, começaram a achar-me interessante, e aí foi a primeira vez que me organizei na ONB, eu fui participar do DCE. Mas, como era um momento de muita repressão, muita agitação, saía todo dia para fazer pichação, fazer panfletagem e não sei o

quê, era uma atividade muito clandestina, não sabia nem que partido era, depois aos poucos é que eu fui sabendo. O primeiro partido era o PORT, e eles tinham uma atuação incrível, só que depois começamos a divergir da questão ideológica, a teoria deles é meio maluca, reacionária, eu acho.

Não sei se vocês conhecem o PORT, eles, por exemplo, tinham preconceito com os homossexuais e desprezavam um pouco a relação sexual, dizia que futuramente iríamos fazer de proveta, umas coisas assim meio absurdas. E nós provemos um racha; era mais ou menos cem pessoas que se reuniam, e saíram oitenta e ficaram alguns, eu fui uma das oitentas que saíram, mas esses oitentas nem todos foram procurar outro partido.

Nessa época conversamos com vários partidos, fazíamos reuniões em fazenda, em curral, saia vendada e aquela coisa toda, e optamos pela convergência socialista que estava surgindo. Eu e mais umas cinco ou seis pessoas, mais mulheres, tinha alguns homens que eu não lembro quem eram, enfim, vamos dizer que uns dez militantes foram para a convergência.

Passamos atuar na convergência, onde tínhamos uma boa atuação, era um partido novo que estava na construção do PT. Viajamos para reuniões em São Paulo, nessa época discutia-se muito a questão de fundar um partido, o partido dos trabalhadores, um novo partido.

Ainda em 1977, eu não lembro bem os detalhes de como foi a operação, mas nós fomos para ajudar os operários na luta do ABC. Aquela primeira greve que estava sendo deflagrada, nós fomos para lá. Eu estava lá, fiquei sediada em Santo André, onde um dos dirigentes era o Zé Maria, acho que o Alemão também fazia parte desse mesmo Sindicato, porque tinha São Bernardo que o Lula era o líder maior, em Santo André tinha vários, um deles eu acho que era o Zé Maria, até porque como eu estava ligada à convergência era quem mais se aproximava.

Mas, nós fazíamos piquetes, eu dirigi vários piquetes, inclusive de mulheres, as mulheres gostavam que eu fosse. E também porque naquela época pouca gente dirigia, então, chamavam-me para correr aqui, correr ali com o carro, e foi muito bacana, até eles acharem que poderíamos atrapalhar, porque nós éramos infiltrados lá, e voltamos para Brasília.

Era um período em que havia muita repressão, a todo momento você deparava-se com pessoas que eram espiões, traiçoeiras, que às vezes você decepcionava-se muito com as pessoas que conversavam com você, pegavam informações, e nós começamos a ficar com medo e pediram que voltássemos para Brasília.

Outra luta também que não lembro se foi antes dessa outra foi uma pela creche da UNB, essa também teve uma repercussão incrível, incrível mesmo. Interessante que é uma coisa aparentemente ingênua, mas que dava manchete nos jornais, era uma brecha que a gente achava, consegui primeira página também de convocação porque tinha um amigo meu que fazia charges e chegava lá e falava, então assim, nós tínhamos que encontrar um meio de furar esse bloqueio de uma forma, não podia falar de partido, não podia falar de repressão então nós achávamos uma luta que comunicasse, que reunisse pessoas e essa luta realmente deu um abaixo assinado imenso e muita repercussão. Tenho

muito material de imprensa, depois quando reunir faço questão de mandar para vocês.

Em 1981 formei, a nossa turma era de arquitetura e era muito mal vista porque a frente da greve era arquitetura e comunicação de 77. A SBPC foi proibida em 77, quase não acontece e acabou conseguindo realizar com apoio de instituições talvez de fora, não lembro como é que foi isso, mas fui enviada para representar a UNB, fazer um relato porque naquela época você não podia mandar um twitter, nenhum e-mail, tinha que ir presencial, você chegava lá fazia um relato de como estava à situação. Era tudo muito presencial, uma vez estávamos distribuindo um panfleto na rodoviária que é uma área de segurança nacional, uns cinco de nós e aí uns bonzinhos disseram assim, olhe aqui não pode, mas vão lá para CNB ali do lado que pode; só que ali era mais fácil de prender, e a gente besta foi. Só que na hora que os outros estavam sendo puxados, éramos uma quatro ou cinco, guardei rapidinho e saí. Assim que consegui fugir, fui à única que fugiu. Aí você tinha que correr no Congresso e denunciar, era muito rápido, pegava um taxi e corria para o Congresso, chegava lá procurava, era Airton Soares, enfim.

Então vim para Belém ainda dezembro de 81, mas já estava engajada na fotografia também, porque apesar de está fazendo arquitetura a gente começou a fazer alguns trabalhos de urbanismo e você convive muito com as pessoas, então você tem que estudar o entorno, tem que fazer um plano, saber como as pessoas vivem e a gente foi acabar fazendo um trabalho numa ocupação, a ocupação do Parauá que estava em ebulição, queriam desapropriar, queriam expulsá-los de lá e a gente entrou logo na resistência, começamos a fazer um trabalho, fizemos até um audiovisual, já levamos o movimento da ocupação da UNB para dentro da arquitetura, tem fotos das reuniões nossas assim, na época chamava invasão, hoje evitamos o termo invasão.

Então como tinha começado a fotografar a gente fez as fotos do Parauá; nessa época desde 77 que comecei a conviver com jornalistas e comecei a apreciar muito a profissão e conheci o Milton Guran que é um grande fotojornalista e me inspirei muito nele, ele fez um trabalho belíssimo de cobertura na reunião de refundação da UNE em Salvador, ele estava fotografando e aquilo para mim foi uma das coisas mais legais assim de acompanhar fora o próprio congresso que foi muito emocionante, muita repressão, apagava a luz, faziam um terror, apagava a luz, jogava pó de mico uma coisa assim, uma fibra um negocio que ficava todo mundo se coçando e todo mundo com medo de bomba, falavam de bomba e ficamos um bom tempo sem energia e tinha aquela onde que o pessoal falava na frente – foi a primeira vez que eu vi isso - e a segunda fileira repete e vai, vai para todo mundo escutar, é uma coisa super emocionante.

Foi na refundação da UNE em 1979, em Salvador, acho que foi na Sede do Centro de Convenções, mas o Milton Guran fez um livro depois, até tenho esse livro da refundação da UNE e a essa altura estava completamente apaixonada pela fotografia e comecei a trabalhar. Ganhei um equipamento, uma Pentax MX com duas lentes. Então pedi aos meus pais e disse que realmente queria fotografar e eles deram um jeito e me deram uma câmera.

Comecei a participar e a minha resistência passou a ser uma das minhas atuações e essa resistência foi por meio do jornalismo, foi fotografando o movimento social e eu não me interessava por mais nada além disso. Então fotografei aquele movimento bellissimo que teve; muitas prisões que houve no Movimento de Panelas vazias, que todos foram para frente do Palácio do planalto, era Figueiredo, eu acho. E ai teve repressão, cercaram, ninguém entrava e nem saia e para pegar filme, pois naquela época não era digital era filme ai eu falava: “gente, me empresta filme e pegava filme emprestado, e era assim, você passava só a mão para não ter que sair porque senão depois você não entrava.

Com isso fiz um bom trabalho que depois foi o que me fez ser aceita na União Profissionais dos Fotógrafos, o que selou a minha participação, o respeito que adquiri na profissão, mas principalmente foi um trabalho que não tem mais volta, até porque eu passei a integrar uma associação que eram todas as pessoas com esse pensamento, o preço do jornalismo como resistência e não um jornalismo subserviente.

Então foi nessa época que estava começando o movimento pela anistia, outro movimento muito bonito em Brasília. Reuníamos-nos no clube da imprensa ou na rampa do Palácio, eram dois locais que geralmente marcávamos atos. Em um deles saíamos e tinha espalhado aqueles preguinhos com cinco pontas, então era um terror, porque você furava o pneu naquele lugar escuro, era muito cheio de armadilha. Nesse dia do Movimento Panela Vazia eu vi alguns meganhes que conhecia lá da invasão de Ananideua, um era o “Shazan”, outro era o “King Kong” e todos tinham um apelido e eu ficava fotografando para fazer minha.... e ai um deles chegou e falou assim: Depois ‘a gente’ troca figurinha. Ele também estava fazendo o arquivo dele... nunca ele mandou.

Depois vim para Belém e quando cheguei aqui estava começando o movimento de 82 para derrotar a Ditadura, nas urnas, derrotar o Passarinho e todos nós apoiamos o Jader e depois eu até fiz um livrinho sobre essa cobertura.

Cheguei nesse momento, ninguém me conhecia, eu me militei no fim do movimento estudantil aqui em Belém, então é uma lacuna que tenho e a Universidade para mim foi depois, eu ainda não cursava, era mais o movimento e cheguei ao meio jornalístico, eu não era uma fotografa que me interessava em trabalhar em jornal ou revista nenhuma, eu queria ser freelancer, que não era coisa comum na época.

Mas tinha o Milton Guram, ele tinha fundado a AJO – Foto Jornalismo que foi a segunda agência freelance, que era uma agência de fotojornalismo freelance, o mesmo esquema que o Sebastião Salgado também veio de uma agência e eles nunca trabalharam para ninguém. O Cartié Bresson, foi o fundador da Magnum que foi quem inspirou essas agências. Depois, surgiu uma agência, a F4, da Nair Benedito e do Juca Martins, no Rio, que teve um papel importantíssimo no registro dos movimentos sociais. E a AJO em Brasília, logo depois das quatro.

Eu também escrevi um artigo sobre a AJO, eles até ficaram muito emocionados porque fiz um resgate. A AJO tinha uma importância tão grande nesse registro que houve um incêndio criminoso, muitos dos nossos negativos foram destruídos até um de um prêmio de fotografia que recebi num concurso na União Soviética, no Festival da Juventude. Para ter uma ideia, eles incendiaram

tudo porque estávamos cobrindo no Brasil inteiro o Movimento das Diretas Já. Nós dependíamos. Eles fizeram depois um livro sobre as Diretas Já.

Então havia essa perseguição e também eram pessoas dedicadas a esse tipo de jornalismo, ninguém fazia contratado por ninguém.

A essa altura, em 1982, houve também o julgamento dos padres franceses, Francisco Gouriou e Aristides Camio e eu fui fazer essa cobertura. Foi a segunda cobertura porque a primeira foi um francês, o Jacques Cousteau, mas nessa área foi a dos padres franceses. Então já havia encomenda e eu estava fazendo para a AJO. Eles disseram: “Todo mundo já nos pediu, quer essas fotos. Então faça, arme um esquema.”

Cinco horas da manhã eu estava em frente à Auditoria Militar, ao Tribunal. As tropas fazendo movimento de se organizar e não sei o que e eu já lá, de plantão. Abria só às sete da manhã e eu era a primeira da fila.

O Tenente do Exército veio pegar as minhas credenciais e eu dei, era uma carteira da Federação Nacional dos Jornalistas. Mas o meu nome era Leila Jinkings. Ele pegou e passou para uma cara da Polícia Federal e ficou lá bebe-be e não sei o quê e eu só vendo o movimento. Depois passou não sei mais para quem, rodando a minha carteira. Depois já estavam deixando os outros passarem e eu lá.

Falei: - Tenente. - Olha, você não vai passar, você não vai entrar. - Como? - Não vai entrar.

- O que é isso? É porque meu nome é Leila Jinkings, não é? Olhe, eu estou aqui como jornalista, sou profissional, eu represento várias empresas aqui.

- Não, você não vai entrar. Assim, não argumentavam. Também não tinha argumento, não é?

Fiquei muito chateada porque num momento como esse os nossos colegas jornalistas nenhum quis saber o que estava acontecendo, todos queriam cuidar do seu. Entravam e iam cuidar de si. E eu: ei, olha aqui eu estou ficando, não estão me deixando entrar. Ah é, tá. Sabe, ninguém, ninguém. A primeira pessoa, já eram quase dez horas da manhã e chegou o rapaz do JB, eu esqueci o nome dele, mas acho que era Shiran, era uma pessoa muito bacana, eu o conheci em Brasília, realmente não estou lembrando o nome dele, mas acho que era Shiran, do JB. Ele me viu ali e disse: “O que você está fazendo aí?”. Eu respondi: Estou aqui porque me proibiram de entrar, eu não vou entrar, então estou aqui. Ele disse: “Mas como? Espere aí que vou falar ali com o Coronel Amarantes, ele é mais...”. Era o melhorzinho, imagina! Ele era ótimo, ele veio conversar comigo, super simpático, ele era daquele tipo que gostava... E disse: “Olhe, vou fazer o seguinte: Eu não posso ir contra e tal ... Vamos almoçar, daqui a pouco eu vou fazer uma pausa, aí você volta que vou te colocar para dentro”. Assim eu entrei. Quando voltei do almoço, ele deu um jeitinho lá, ainda demorou um pouco, eu fiquei nervosa, cobrando, mas entrei. Entrei, fiz meu trabalho e nós vendemos para o mundo inteiro esse trabalho. Esse foi um trabalho que todo mundo queria essa pauta, era uma pauta importantíssima: dois padres franceses que estavam sendo banidos do país porque estavam sendo solidários, ajudando camponeses que estavam sendo assassinados, trucidados, enfim, aquela loucura

da Guerrilha do Araguaia, da região do Araguaia. Eu ainda tive um encontro com eles na Polícia Federal em Brasília, porque permitiram aos jornalistas que fizessem visitas.

Eu fui a Brasília por outra questão, pois estava enfrentando um Processo seríssimo e o Funaji disse: “Olhe, me dê uma câmera aí, porque, eu vou lá tentar fotografá-los na prisão”. Aí ele me deu o equipamento, eu peguei um absorvente higiênico e coloquei bem em cima do equipamento, porque eu disse: se eles abrirem a minha bolsa, eles vão ver o absorvente e o homem não sabe lidar com isso. Não sabiam, hoje eles já têm essas manhas; mas naquela época não era tanto. Tinha uma fila de jornalistas querendo falar com eles e eu sei o nome de vários. Acho que tinham uns dez, pelo menos, era uma sala tão pequena que ficou apinhada de gente porque eles selecionaram, examinaram todas as bolsas, e aconteceu o que eu previa, eles abriram, aí fecharam e tal. E claro, os outros jornalistas não sabiam, mas quando cheguei lá dentro e puxei minha câmera, eu falei: Padre, o Francisco, eu vou fotografar porque eu combinei isso, tudo bem? Ele: “Tudo bem!”. Aí os jornalistas ficaram me pressionando dizendo que isso era uma traição, combinado com a Polícia Federal. Eu falei: Desde quando eu tenho alguma combinação com a Polícia Federal? Eu vou fazer. Mas é assim, fiz muito sob pressão e fiz uma foto que não ficou muito boa, mas eu fiz mesmo assim, porque eu tinha compromisso com a revista Isto É. Então, era uma dificuldade, quer dizer, essa ilusão. O jornalista tem muito isso.

O jornalista as vezes... eu nunca vi algo tão interessante que o Laerte fez uma vez, porque o jornalista fala assim, se acha, lida com poderosos e tudo: “Sou jornalista, não sei o quê”. Aí quando alguém pergunta: “E quanto você ganha?”. Aí ele já olha pra cima pra dizer, é uma merreca e você se coloca no seu lugar. Então, o Laerte tinha essa charge que achei genial e representa pra mim o que era e ainda continua sendo uma boa parte do jornalista, ele se empolga; ele não se coloca criticamente na sociedade e se acha amigo do Deputado corrupto, ladrão. Na época eram ditadores, torturadores, era Polícia Federal e você tinha um contrato de... claro que quebro qualquer contrato que eu faça sob pressão em primeiro lugar, não é? Porque nós não discutimos isso, ninguém discutiu.

Então teve a venda ... que foi muito forte pra mim, foi muito importante também, nesse processo.

Então, cheguei aqui, acho que já tinha um pique de não parar. Quando estava chegando – qual foi o ano que morreu o Gabriel Pimenta? Foi no ano que cheguei, antes das eleições, no meio do processo, de repente, assassinado o Gabriel Pimenta. Então, era assim, era tudo muito difícil; liguei rápido para a Ágil: “Gente, consegue passagem para mim que eu preciso ir para Marabá agora”. Não tinha um tostão para nada. Você tinha que pegar avião, você tinha que comprar filme, você tinha que ter sua câmera, era tudo presencial, tudo físico, tudo analógico, não se mandava via e-mail nada, era tudo assim, tinha que ser ágil, rápido, correr, fazer, depois mandar via avião, por exemplo, no caso ia lá fotografava, corria no aeroporto, botava com relatório já feito. Então, não parávamos um segundo assim, ou você estava, realmente, engajado ou você perdia, era melhor não fazer.

Então, foi um trabalho, também, que repercutiu bastante e que foi um trabalho de enfrentar a repressão lá, porque chegava ameaça o tempo todo, estávamos ali cobrindo, investigando, conversando sobre o assassinato do Gabriel, e aconteceu até de termos que mudar de casa por ameaça, porque era sem forro a casa, não sei o que, esse tipo de coisa.

Depois acompanhei a eleição, tinha um contrato com o Jader, ofereci para ele: “Olha, se você me levar eu lhe dou umas fotos e estamos quites. Eu lhe dou algumas fotos para você publicar e para mim era um supernegócio, e a Ágil revelava, rapidamente, para mim, porque eu mandava para Brasília, a Ágil revelava, diziam: revela no Diário. Nem morta porque não é o mesmo trabalho, tem que ser bem revelado senão você perde o material.

Então, era assim, enquanto todo mundo ia jantar, não sei o que, você estava fazendo relatório, correndo para o aeroporto para mandar o filme, depois corria para pegar as fotos, entregava para o Jader e assim garantir a minha estrutura para viajar, ninguém me bancava, ninguém tinha um tostão para dar.

Aí fiz o livrinho, entrei com um edital na SEMEC e fiz o livrinho: PMDB Eleições 82, chamei um colega, o Afonso Klautau, para editar junto comigo e nessa época já estava começando a militar junto com o meu pai, tinha uma célula do Partido já, porque só entrei para o Partido Comunista, quando fui para o Sindicato, acho que foi quando achei que o Partido era mais consequente, porque o trotskismo é muito atirado, aquela coisa cheia de propostas, mas na hora de fazer você tem que ter a consequência, quando você faz uma proposta, então, isso percebi, claramente no sindicato, que tinha gente lá que propunha pichação, panfletagem, greve e perguntávamos: “você vai?” Não, não vai.

Então, foi assim que acabei entrando no Partido Comunista, tinham muitas críticas, é claro, porque eu era trotskismo.

Então, fui para o Partido, era uma célula do Partido dentro do Sindicato que era eu, papai, a Lea Nunes. A Lea Nunes até está vindo, acho que tu podias conversar com ela, porque fizemos um monte de maluquice.

Ela era da direção do Partido, também. Ela que mora na Suíça hoje, mas ela está vindo dia dez.

Então, eu e a Lea era uma dupla dinâmica, íamos para os lugares, eu fazia as fotos, ela fazia um textinho, mandava para a voz, era uma coisa muito guerrilheira; íamos para certas invasões de resistência, de Irituia tem até um relatório que guardei de lá, fomos. Bom, vai e vem todo esse processo, o papai tinha uma luta muito grande para manter o Partido, porque era um Partido pequeno sem estrutura, e ele tinha que viajar por todo o interior para fazer as convenções, porque teve o golpe do PPS... Às vezes, as pessoas perguntam: Mas, porque que eles simplesmente não saíram? Porque, primeiro, que eles não tinham intenção política nenhuma, era um golpe, eles queriam o patrimônio do partido, patrimônio moral, formal e financeiro. A história que o Bob Freire tentou registrar no INPI, registros de marcas e patentes, aquele louco. É muito ridículo, ele registrou na marcas e patentes. Claro, aí veio o Sepúlveda Pertence e deu uma sentença dizendo: Mas, que história é essa de alguém não querer que outro refunde o partido, e ao mesmo tempo quer jogar fora, não pode, quem não quer mais, não quer mais. Então, aí permitiu que nós refundássemos o partido nesse

rolo todo. Mas, nós ficamos sem sede, sem toda a estrutura que tínhamos, eram 100 Municípios, eu acho, 150, registrados, todos organizadinhos, então, eles destruíram muita coisa.

O papai no início de 1994, ele foi e fez todas as convenções, deixou tudo super organizado, ele já estava doente. Eu acho que foram as últimas forças dele, foram dedicados ao partido. Eu era da direção, a Isa era da direção, a Isa era muito atuante, fazia também a parte de finanças, de organização. E, eu e a Lea também éramos da direção, mas nós cuidávamos mais da parte de divulgação, de agitação, eu sempre gostei muito da parte de agitação e de articulação também. Então, nós aprontamos muitas coisas, inclusive, com esse pessoal do PPS, nós pregamos algumas peças neles bem legais.

O papai já estava doente e foi se tratar em São Paulo, eu me angustiei, porque vi aquilo, e também nós tínhamos eleito o Almir Gabriel, e logo em seguida o Almir Gabriel decepcionou, logo em seguida. E nós tivemos que partir para cima do Almir Gabriel. Eu juntei uns camaradinhos da juventude e fomos para cima do Almir, pichamos a rua. Aí quando o papai se ausentou, conversávamos com o Almir, estávamos ali juntos com o Almir. E aí eu fui e falei para o Papai: Pai, nós pichamos a cidade toda. E o papai falou: Tá bom. Ele apoiou total. E nós fomos embora.

O Alfredo Oliveira já querendo, disse: Olha, Leila, o Jinkings está doente, eu proponho que você assuma a Presidência do Partido. E eu disse: Nem morta, imagina, tem tanta gente mais experiente que eu, relutei muito. Mas, realmente, na verdade, eu era muito experiente, mas eu não estava a fim de pegar um abacaxi desses, que era um abacaxi.

Finalmente dia 05 de outubro de 1995, o papai morreu, e chegou um membro da Direção Nacional com a incumbência de não sair de lá enquanto não tirasse uma nova direção, ele tinha que voltar com isso. E aí reuni com o Alfredo, Paulo André, todo o pessoal da antiga e mais o pessoal da juventude atual, estava ali, e tive que assumir, tive que aceitar a incumbência e assumir a Presidência do Partido, isso foi em novembro de 1995, era mais ou menos início de novembro, dia 05 de novembro.

Esse membro da direção, inclusive, tinha vindo porque estávamos fazendo movimento de resistência contra a venda da Vale, que era nessa época e até o Almir estava dando certo apoio para nós e depois o Collor convenceu que era um bom negócio vender a Vale e nós ficamos sozinhos.

Esse membro, o qual eu não conhecia, papai tinha feito umas bandeirinhas, desse tamanhinho assim, uma gracinha do PCB, que talvez fosse para agitar, não sei, era só o que achamos e levamos para buscar esse membro e chegou lá nós balançando a bandeirinha e a Socorro chegou lá e foi atrás e conseguiu localizar o tal membro que estava esperando.

A Socorro foi muito bacana, nós não tínhamos programado nenhuma hospedagem para ele.

Assim, assumi e presidi o partido até ter que sair da cidade em 2003 acho.



Fui para a EMBRATUR, fizemos uma nova Reunião e elegemos o José Penafort, que depois não conseguiu se manter, fez uma carta para o partido, para o comitê central, e que estava comunicando que o partido não existia mais no Pará, que ele estava entregando, e pedindo para registrar isso, que o partido não estava organizado no Pará.

Tinha chamado até uma assembléia para expulsar uns vinte militantes do partido, porque eles faziam Reuniões com um certo partido e iam conversar com a nossa juventude, eram três ou quatro membros que passaram as eleições de 2000 reunindo fora, quer dizer, o nosso partido praticamente não participou, ficou desfalcado, porque depois fiquei sabendo que eles estavam reunindo com o PSTU.

Fiquei muito chateada e tal, chamei, expus e eles foram expulsos, fora outras questões que teve, inclusive, de honestidade, desfalque de um dos membros.

O meu susto quando vejo que hoje existem esses membros que reorganizaram o partido aqui, então, não estou a par porque estou fora de Belém, mas questiono isso, que história é essa que pessoas que foram expulsas, que foi um relatório para o comitê central do Rio de Janeiro, tem um relatório feito, tem cópia dele e de repente eles são trazidos para levar uma legenda, porque ideologia não existe ali.

Infelizmente também tem outras pessoas que romanticamente ficam felizes do PCB estar organizado novamente.

Conheço gente que é francamente bem intencionada, que vem conversar comigo, se queixar para mim achando que eu posso fazer alguma coisa. Ingenuidade, porque vemos que na verdade o que move hoje muitos partidos é a questão da legenda, infelizmente.

Isso foi muito decepcionante.

Então, já era um período que estava me afastando do partido justamente por causa desse tipo de comportamento, um autoritarismo exacerbado, um fisiologismo muito grande tomando conta do partido e nós saímos em massa também. Fizemos uma disputa pela direção, perdemos e localizamos um grupismo muito grande arraigado, mas, assim, fisiológico. Então, saímos. Alguns foram expulsos, que é uma prática corrente, hoje, no PCB, muitos dos que votaram na expulsão dos camaradas, que eu estava apoiando, hoje também estão expulsos, pelo menos uns dez que participaram da expulsão, que votaram e defenderam, hoje também estão expulsos porque devem ter divergido em algum momento, porque a prática é essa.

Então, o partido tem que ser reconstruído. Eu digo o Partido Comunista. Os partidos revolucionários têm que ser reconstruídos.

Hoje, eu mantenho um blog sobre o meu pai. Acho que desde 1998, eu tenho esse blog, venho alimentando. Tem sido muito usado como fonte de informação. Tem artigos, artigos do meu pai, tem esses artigos que eu citei, que eu escrevi e coloquei lá.

Estou preparando um documentário sobre o meu pai. Outra paixão que eu caí e que cada vez vou afinando para ser uma dura, porque além de jornalista agora resolvi ser documentarista.

Fiz um documentário, por conta própria também, sem financiamento, que é sobre o desaparecido político de Recife, que era do partido, uma figura muito bonita, um jornalista poeta, ator, multígrafo, uma figura linda! E fiz um documentário, ganhei até uns prêmios, foi um documentário muito elogiado. Tive a honra de ter uma resenha escrita pelo Vladimir Carvalho, que é um dos documentaristas que respeito muito, sobre o meu documentário.

Resolvi escrever sobre o Livreiro Raimundo Jinkings. O título provisório dele é “As Dores do Mundo”. Quero falar sobre o Jinkings livreiro, porque o Jinkings livreiro representa o Jinkings comunista, o Jinkings humanista, o Jinkings família. Tudo está ali reunido. Ontem mesmo colhi um depoimento do Carlos Sampaio, em que ele fala sobre isso. Achei interessante o que ele resume. Ele diz: sabe o que é? É porque o Jinkings era comunista, ele recebia as pessoas, se interessava pelos problemas que o professor tinha; ele discutia, se interessava pelas pessoas. Ele conversava com o estudante, com o filósofo, com o advogado. Peixe e agulha iam lá pedir informação. O Otávio Mendonça também que era o maior reza, ia lá: “Oi, Jinkings, quais são as novidades?” E o papai estava interadíssimo, lia muito. Foi uma pessoa que não fez curso superior, terminou o 2º Grau com muita batalha, estudando à noite, e o primeiro livro que ele leu foi aos 15 anos. Só que ele morava no interior do interior do Maranhão. Era Pinheiros, Santa Inês, que era o Município de Santa Helena, da Comarca de Pinheiros, no Maranhão. Eles eram pobres e um dia ele achou um livro do Chopin Hall no meio das coisas do pai dele. Quer dizer, ele começou por Chopin Hall, as dores do mundo, daí o título.

Então, essa história já começa a ficar interessante com isso, que é uma pessoa que descobre por meio de Chopin Hall que a pobreza não é natural. Então, foi a primeira coisa, e religião também. Naquela época as pessoas viviam muito sob essa pressão, se você não acreditasse em Deus era um problema social, então, ele descobriu que alguém questionava Deus. Imaginem que deve ter aberto tudo para ele, saber que tinha gente que dizia que ninguém tem que ser pobre e que ninguém tem que acreditar em Deus. E isso foi uma revolução na cabeça dele. Então, eu coloco como um ponto de partida para tudo. Foi a filosofia, ele descobre a filosofia.

Um dia ele deu de presente para a mamãe um livro, “Os Filósofos que eu já li”, se vocês verem a lista tem alguns que nem conhecemos, todos os Filósofos mais tradicionais, mais clássicos, ele leu, coisa que muito professor de filosofia, com certeza, não leu hoje.

Também o Ernani Chaves escreve um artigo contando que um dia ele foi à livraria e o papai estava lá, ele descreve “aquele Senhor”, e ele acompanhando os passos do Ernani, ele pegou Nietzsche para levar. Só que Nietzsche estava um pouco mal visto, teve uma época que era Nietzsche ou Sartre. Quando ele foi pagar, ele fala que perguntou: “-Quanto é?” Aí o livreiro perguntou: “-Posso sugerir alguma coisa para vocês?” Aí ele: “-Sim”. E ele: “-Sartre”. Ele fala que dali surgiu uma amizade e que quando ele estava terminando a faculdade que o papai já achava que ele estava ficando até um

pouco Marxista, mas que ele era mais Nietzsche no início. Depois ele foi abrindo mais e compreendendo melhor o porquê do papai naquele dia ter oferecido o Sartre defendendo um ponto de vista do Marxismo.

Então é isso, obrigada pela oportunidade.

**O SR. PRESIDENTE** – A Senhora Isa pediu para falar mais algumas coisas, em seguida abrimos para os membros da Comissão.

**A SRA. ISA JINKINGS** – O Jaime lembrou de algumas coisas que eu havia falado para ele, por exemplo, eu não falei que em 1962 também o Jinkings participou da 1ª Conferência da Amazônia de onde saiu a Carta da Amazônia, com a participação de muitos intelectuais, jornalistas, os intelectuais progressistas, uma grande participação e saiu essa Carta da Amazônia, inclusive, eu tenho a original e ele foi um dos signatários.

Outra coisa que eu não mencionei, porque não lembrava, é que quando estivemos em Bacabal, a lembrança mais forte que eu tenho de lá é uma lembrança meio romântica, mas que é uma das lembranças mais fortes. Tínhamos uma vizinha bem na frente da nossa casa, uma casa bem modesta, uma família modesta, que eu conversava muito com a Dona Joana, e a noite os vizinhos reuniam-se para leitura de cordel. E eu achava aquilo tão bonito, eu e o Jinkings participávamos, nós sentávamos para participar. Era iluminado com lamparina os folhetins de cordel e às vezes até com a luz da lua, quando a noite era de luar. Foi uma das lembranças mais fortes que tive de Bacabal.

Em 1964, logo depois do golpe, saiu uma lista nos jornais: “Os Comunistas do Pará”, e o meu nome estava entre os primeiros da lista. Mesmo assim minha casa não foi visitada em 1964.

Outra coisa que o Jaime me lembrou foi que eu durante o mês que o Jinkings esteve escondido e que foi a coisa mais certa do mundo, porque ele era caçado como uma fera, o cabeça do movimento subversivo no Pará, e quando ele foi preso isso aí já tinha passado e ele nunca sofreu tortura nenhuma e inclusive, eu tive o privilégio de poder levar alimento, tudo para ele quando saiu da clandestinidade, nós nos falávamos duas vezes na semana. Mas, a correspondência passava pela censura, todo mundo lia. Eu descobri que na garrafa térmica que mandava com vitamina, suco, açaí que ele gostava muito, descobri que a tampa da garrafa se desmembrava, conseguir desmontar a tampa e tinha um lugarzinho onde dava para colocar um bilhete, então, comecei a mandar um bilhetinho dentro da tampa da garrafa térmica. Só que ele não podia adivinhar. Então, conseguir que um filho de uma vizinha nossa que era soldado, desse o recado para ele abrir a tampa da garrafa térmica e nós passamos a ter uma correspondência particular onde podíamos falar o que quiséssemos.

Quando o partido estava na clandestinidade, como disse, sempre ficava na retaguarda, quando ele saiu da prisão, a primeira coisa que ele fez para sobrevivermos foi montar uma barraca na feira livre de Batista Campos junto com Sandoval Barbosa, que era também perseguido pela ditadura, porque era muito atuante no Sindicato da PETROBRAS; enquanto estava na feira, era

sacrificado, eram dois dias sábado e domingo, sempre um deles tinha que dormir na feira uma noite e na outra noite dormia o outro, e eu comecei a fazer uns docinhos para os meus filhos venderem, para ajudar na venda. Eles tinham seis e sete anos, saíam com a bandejinha com doce para vender para ajudar na receita da feira. Um dia ia passando pela praça e o Alvarinho, menorzinho de seis anos estava paradinho na praça, ele era louco por futebol, era até apelidado de Edinho, porque ele era muito bom; Edinho era um jogador conhecido, e ele era louco por futebol e na frente de casa tinha a pelada dos meninos; e ele paradinho com a bandeja na mão olhando um jogo de futebol. Nesse dia chorei porque é incrível, ele estava com a bandejinha na mão sem poder jogar, vendendo doce.

A primeira semente da livraria que eu falei que foi enquanto ele estava na feira. Habitualmente nós recebíamos livros por reembolso postal, Belém era muito carente de livro, então, como nós líamos os jornais do Rio, nós pegávamos a lista de livros e mandava buscar inclusive, para as crianças que sempre desde pequeninos nós dávamos aqueles livros de uma gravura bem grande e uma legenda pequena, nós contávamos história e eles adoravam, eles eram quatro lá em Bacabal, eu sozinha seis e meia, sete da noite já tinham jantado, cada um estava na sua caminha com seu livro na mão. Eles tinham sempre muitos livros.

Então, o nome do Jinkings ficou conhecido das editoras, enquanto estava na feira ele lembrou e começou a escrever para as editoras oferecendo representação. Como já era um nome conhecido foi fácil, em pouco tempo começaram a chegar às ofertas, a primeira que sempre tive muito carinho foi à editora brasiliense e quem dirigia era o Caio Prado Júnior, comunista. Em seguida vieram outras e outras, a editora Ática e Scipione, que são hoje uma potencia em livro didático começaram exatamente junto conosco. Recebíamos um livrinho mimeografado, com títulos só, eram: Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Psicologia, eram os primeiros livrinhos da Atica que começou junto conosco.

Começou, então, a Jinkings como representação e fornecia os livros para as livrarias. Quer dizer, nós vendíamos os livros para as livrarias que vendiam no varejo, nós só vendíamos por atacado. Mas, começou tanta afluência, todo mundo vinha para a nossa casa querendo livro que acabamos entrando no varejo e criamos a livraria Jinkings.

Passamos por muitos atropelos, tinha um balcão onde escondíamos os livros considerados subversivos, tinha inclusive o cubismo, porque serviria a Cuba. Capa vermelha e negra.

Os títulos suspeitos: Reunião de Carlos Drumont de Andrade. Esse também foi apreendido. Esse era a mente dos censores. E passamos a ser muito perseguidos. Depois de alguns anos, já em 1979, inauguramos o prédio da livraria que foi o primeiro prédio construído especificamente para uma livraria na Rua dos Tamoios. Com um mês de inaugurado foi metralhado, as portas de blindex estilhaçadas, as prateleiras de dentro ficaram cheias de furo de balas. Felizmente não estávamos lá, correu até um boato de que tinham matado o Jinkings, isso foi em 1979.

Depois o CCC – Comando de Caça aos Comunistas assumiu a identidade. Nossa casa também foi metralhada, em cima eram vidraças e jogaram

pedras enormes e nosso quarto era o primeiro e nesse dia uma das crianças tinha ido para nossa cama e por sorte as pedras não caíram na cama, depois incendiaram o carro que era do meu filho e estava no pátio de casa e foi perda total. Foi uma serie de perseguições.

Em 1965 a minha filha mais nova estava com três para quatro anos e resolvi fazer vestibular, pois casei muito cedo e minha mãe não queria que eu fosse para a faculdade, eu queria muito fazer medicina, mas a mentalidade daquele tempo era: “Não, você vai se casar, já está comprometida, depois vai largar o curso pela metade...” Eu era meio passiva e acabei cedendo. “Não, é a única filha que está ficando em casa, está comigo, que está me acompanhando quando saio, porque as outras duas estão trabalhando...” então uma era oito anos mais velha e outra dez anos.

Casei e tinha filho todo ano, e depois de 64/65 minha filha mais nova estava com três anos e fui fazer o cursinho. Ai ia fazer o meu tão sonhado curso de medicina. Eu estava fazendo o cursinho quando entramos no ramo de livros. Ai eu mudei para fazer Letras para ajudar na livraria. Acho que eu fiquei me tolhendo muito. E ajudei muito mesmo porque os livros para o curso de Letras eram raríssimos, ninguém conseguia.

Tinha um rapaz que morava na Serzedelo Corrêa que mandava buscar os livros e vendia muito caro e era muito difícil. Eu trouxe a bibliografia e começamos a mandar buscar todos os livros. A casa enchia noite e dia, não tinha hora. Daí, nós tivemos que passar de representação para livraria mesmo.

Quando o Partido voltou para a legalidade entrei para a executiva, fui secretaria de finanças, fiz um leilão de artes que, acho, todos os artistas de Belém cederam, foi um sucesso. Era um leilão para ajudar o Partido, mas a nível externo eu dizia que era para ajudar o jornal, A Voz da Unidade.

O Cláudio de La Rocque, filho do Cláudio Leal, do Jornal, deu um nome que ficou muito bonito: Um Leilão para ter Voz, e foi incrível, todos os artistas que procuramos doaram obras, foi um leilão maravilhoso. Pena que o Gileno, antes de começar o leilão pegava as obras que queria e tirava do leilão. Como era na galeria dele, ele ficava com as obras. Essa foi a coisa mais triste para mim. Mas foi muito famoso.

Depois, fui secretária de agitação e propaganda e fiz o primeiro e único jornal do Partido. Foi um jornal que ficou bom também, foi muito esforço, mas ficou muito bom.

De 1980 para 1981 fui do departamento feminino do PMDB. A Elcione era a Presidente e eu era a segunda ou terceira pessoa. Fizemos um trabalho muito bom. Na campanha do Jader o departamento foi muito forte.

Fui também vice-presidente da Federação da Mulher Paraense, que também atuou nesse período. Em 1982 nós criamos a FDO - Frente Democrática de Oposição - que funcionava nos altos da livraria. Ali toda a área democrática participava, não era de um Partido era para a campanha do PMDB, que era o Jader Barbalho contra o Oziel Carneiro, o candidato do Jarbas Passarinho. O Jader teve uma vitória estrondosa. Acho que era o que eu tinha esquecido de falar.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** – Vamos começar pelos membros da Comissão. Em seguida, facultamos a palavra aos companheiros do Corpo Técnico e também àqueles que nos visitam hoje.

**A SRA. FRANSINTE FLORENZANO** – Boa-tarde! Sou membro da Comissão, represento o Sindicato dos Jornalistas.

Dona Isa, havia, naquela época, o Comando de Caça aos Comunistas. A livraria e a casa de vocês sofreram vários ataques. O pior deles foi o do dia 18 de novembro de 1979?

**A SRA. ISA JINKINGS** – Isso.

**A SRA. FRANSINTE FLORENZANO** – O que aconteceu nesse dia?

Eu também gostaria que a Senhora falasse sobre o papel do Jarbas Passarinho e do Alacid Nunes em relação às perseguições que sua família sofreu.

Quero perguntar à Leila a respeito do que ela testemunhou de articulações políticas dentro da livraria Jinkings na época das eleições de 1982, que foram as primeiras eleições no Brasil na redemocratização.

Também gostaria que revelasse os nomes das pessoas que foram expulsas por você do PCB, quem são essas pessoas que estão refundando e quais os Partidos Trotskis desses que foram referidos na sua fala?

**A SRA. ISA JINKINGS** – Olha, o Comando de Caça aos Comunistas inclusive se identificava. Ele fazia horrores, praticava atentados e se identificava. Na livraria, por pouco não houve morte, assim como na minha casa, também foram eles. Eu sei que o Adelino era filho de um presidente da Rádio Clube, a PRC-5, o Adelino ...

**O SR. PRESIDENTE** – Que era do Comando de Caça aos Comunistas.

**A SRA. ISA JINKINGS** – Isso. Foi um desses que tocou fogo no nosso carro, que atacou a nossa livraria, passavam de carro na frente de madrugada. E o Jarbas Passarinho estava sempre, acho que por trás. O Alacid, não sei, mas o Jarbas Passarinho sempre foi assim odioso, sempre curtiu muito ódio aos comunistas e na Petrobrás, por exemplo, ele perseguiu sem tréguas; os

componentes do sindicato do petróleo foram muito perseguidos. O Jarbas estava todo tempo por trás desses atentados.

O que era mais? O que você perguntou foi isso, não foi?

**O SR. PRESIDENTE** – E o Alacid?

**A SRA. ISA JINKINGS** – O Alacid, não sei assim especialmente, dele ser... Depois eles ficaram inimigos, Jarbas e Alacid.

**A SRA. FRANSSINETE FLORENZANO** – A Senhora sabe se havia algum motivo para essa perseguição, que me parece ser direcionada do Jarbas Passarinho, em relação a sua filha e ao seu marido?

**A SRA. ISA JINKINGS** – Eu acho que era anticomunismo doentio mesmo. Como ele era a figura mais visível do Partido, acho que era esse o motivo, ele era anticomunista doente.

Houve vários artigos de pessoas contra o Jarbas, inclusive eu tenho um livro do Mário Teixeira. Planície Encharcada é o livro dele que o Jinkings fez um Artigo muito grande comentando.

**O SR. CARLOS BORDALO** – Dona Isa, a Senhora confirma, pela pergunta da jornalista Franssinete, que o Comando de Caça aos Comunistas era um braço em que o Jarbas Passarinho tinha poder de mando e de comando sobre ele?

**A SRA. ISA JINKINGS** – Olha, imagino que sim, porque inclusive no pré-golpe o Jarbas foi quem articulou no sítio de um empresário, os cursos de preparação, de tortura, vieram pessoas para treinar os militares aqui para tortura...

**A SRA. FRANSSINETE FLORENZANO** – A Senhora sabe qual era esse sítio e de quem é?

**A SRA. ISA JINKINGS** – Pois é, não sei se tenho isso escrito em algum lugar. Sei que era um empresário que cedia um sítio às proximidades de Belém onde eram realizados esses cursos...

**O SR. PRESIDENTE** – A Senhora sabe ...

**A SRA. ISA JINKINGS** – Pois é, não...

**O SR. CARLOS BORDALO** – Às proximidade de Belém pode ser Benevides...

**A SRA. ISA JINKINGS** – Pode ser, é...

**O SR. CARLOS BORDALO** -... ou Marituba,

**A SRA. ISA JINKINGS** – Exato! Pode ser que alguém saiba. Eu não estou lembrada.

**O SR. CARLOS BORDALO** – Fica claro que nós temos de ir atrás e aprofundar esta informação, certo?

**A SRA. ISA JINKINGS** – Na preparação do golpe por exemplo, além desses cursos, eles introduziram espões em todas as praças, nas universidades, nos sindicatos haviam espões, e através dos quais eles começavam a saber da vida dos militantes.

**A SRA. FRANSINETE FLORENZANO** – Agora, Leila Jinkings.

**A SRA. LEILA JINKINGS** – Quando cheguei montei um laboratorozinho naquele salão onde funcionava a Frente. Montei um laboratório porque naquela época, como já falei, era dureza porque tínhamos que depois de fotografar, tinha toda seção de laboratório, secagem, impressão. Então, lá estava sempre de plantão. Então, toda reunião eu já participava muito, em algumas vezes chamava o Guilherme Augusto.

O Guilherme Augusto participou um pouco desse movimento, ele estava próximo do Jader, do movimento na verdade, depois ele foi trabalhar com o Jader.

Acho até que o papai que deu uma atenção assim para o Guilherme, acabou dando uma estrutura para apresentar para o Jader; e como eu tinha um trabalho freelance, e as vezes precisava de um peninha, de alguém para fazer a parte da entrevista, nem sempre procurava não fazer as duas coisas.

Então, teve uma vez que fomos, teve uma denúncia, teve um assassinato em Ourém que implicava o PDS. O Curió é que tinha grande Liderança ali, para ver o nível elevado da política em Ourém, e pegamos um



fusquinha emprestado, e fomos a noite, tinha um comício lá, era muito arriscado, éramos um pouco malucos as vezes. Nós dois, num fusquinha, fomos até Ourém e é uma estrada que você passa muito tempo, as vezes, sem encontrar alguém, sem estrutura; e quando chegamos, o jornalista passa até um pouco despercebido, o peninha, agora eu com aquele aparato, uma bolsa de vinte quilos, dois corpo de câmera, lente, flash, não sei o que; não tem como disfarçar, ainda mais com aquela minha juba que eu usava, chamava muita atenção, uma 'jubona', imagina, eu era uma bandeira quando chegava ali; e eles hostilizaram assim, foi um sufoco, passamos maus pedaços nesse dia por nossa ousadia de irmos lá, e já estávamos acertados com a Revista Isto É a matéria. Aí abordamos e falamos: estamos querendo trabalhar, estamos querendo ouvir o Coronel e tal. E depois de muita hostilidade, levantava a câmera e era uma pressão incrível, não conseguia fotografar sem agressão, ele nos chamou, nos recebeu numa sala cheia de camaradas deles e para ouvirmos: quais eram nossas intenções, e nós que queríamos ouvi-lo, na verdade.

Então, explicamos que estávamos ali querendo saber, nós éramos jornalistas e tudo, mas ele foi só pressão, não conseguimos conversar com ele. E voltamos, imagine, dormimos na estrada dentro de um fusquinha, passávamos por medo, encostamos numa casa e tal, e dormimos um pouco para conseguirmos viajar, acho que era duas horas, não sei, de viagem num fusquinha naquela época, em 82.

Então, esse tipo de viagem assi, de vez em quando, essa lembro porque foi muito marcante.

Não, porque a fotografia para mim era uma das minhas funções, muitas vezes me chamavam para fazer esse tipo de investigação, por exemplo, isso foi um trabalho, mais ou menos político, porque na verdade, nos denunciaram isso, e oferecemos para a Isto É, mas assim, não era jornalístico, o interesse não era bem jornalístico, era política assim, era agitação e propaganda, luta, enfrentamento.

Por exemplo, eu tentei ir a Serra Pelada... Pois é, eu não me lembro, era uma liderança local.... É, Gabriel, foi em Marabá. Eu tentei ir a Serra Pelada, e muitos jornalistas ali aceitando pessoas para irem, não sei o que, fazendo uma lista, e eu primeira a chegar, e tinha um comitê enorme, riquíssimo, não me lembro onde era, acho que era na Generalíssimo. E eu disse: Eu preciso ir, eu tenho 1000 encomendas, muitas revistas pressionando. E ele disse: Mulher não, você não. Não sei se, realmente, era porque era mulher, o Curió. E ele ria, ele ria, ele achava uma acinte eu está ali, na verdade. Então, eles confundiam muito o meu nome, a minha atuação, com o meu trabalho jornalístico, eles achavam uma acinte eu está ali, na verdade. Então, a minha articulação era muito nessa área assim de jornalismo, de fotografia, de ir registrar, de, por exemplo, tinha um caso de... Há, não vou falar, é muito complicado, deixa. Então, tinha muito essas coisas assim que...

A Franssinete está querendo que eu fale sobre o Partido. O partido foram Trotskistas, que era, inicialmente, o Porte e em seguida a Convergência Socialista e continua sendo Convergência não é? Porque, na verdade, eu acho que se transformou em PSTU, depois, era CST, a origem mesmo é CST, só que era um partido clandestino, então tinha a forma oficial de se apresentar, e só. E

daí eu passei para o PCB. E, hoje, eu estou filiado ao PC do B, sai do PCB, porque eu na verdade não me acostumo a não pertencer a partido nenhum. Mas, eu acho que nós precisamos reconstruir o movimento revolucionário. Acho que era isso que ela perguntou.

**O SR. PAULO FONTELES** – Bom, vamos continuar aqui, e escutar o Renato Nazaré que também é membro da Comissão da Verdade, em seguida a Jureuda e depois o Marco Apolo. Se identifique, por favor.

**O SR. RENATO** – Boa-tarde. Eu me chamo Renato Nazaré, dou membro da Comissão, representando a Secretaria de Justiça e Direitos Humanos. A minha pergunta é para ambos, na verdade, no meio a tanto abuso de autoridade, de policiais, coronéis, capitães da polícia. Vocês sabem me dizer se em algum momento, nas diversas vezes que ele foi preso, o Doutor Jinkings, ele sofreu alguma tortura psicológica? Vocês sabem me dizer e qual delas foi?

**A SRA. ISA JINKINGS** – Olha, eu acho que não. Eu acho que não chegou a sofrer tortura, a não ser uma vez que ele foi levado para prestar um depoimento fora da 5ª Companhia onde ele estava, e ficou, acho que dois dias, três, não voltou. Mas, assim, só para incomodar mesmo, não foi coisa que seja considerada tortura psicológica.

Uma vez que ele foi preso na Polícia Federal por ato subversivo, foram várias prisões, e ele fez greve de fome, mas na verdade eu levava umas coisas pra ele escondido, mas depois foi solto.

Era muita pressão para coagir mesmo.

**A SRA. LEILA JINKINGS** – Teve uma prisão que ele teve medo de morrer que foi em Macapá.

**A SRA. ISA JINKINGS** – Ele foi para uma reunião em Macapá e lá foi preso e jogado em um lugar que teve muito medo de ser morto, porque era um lugar lúgubre, e ele não sabia nem por quê.

Alguma encomenda do Jarbas Passarinho. Não sei o que foi.

Nessa prisão ele teve muito medo de morrer, mas alguém interferiu, não lembro muito bem os detalhes, creio que advogado, mesmo porque comunicaram para cá e houve um movimento dos amigos, dos advogados.

**O SR. PRESIDENTE** – Senhora Jureuda.

**A SRA. JUREUDA GUERRA** – Boa tarde a todos.

Sou Jureuda Guerra, sou membro da Comissão e represento o Conselho Regional de Psicologia aqui na Comissão.

Tem um relato, uma história bem anterior ao golpe e recentemente conhecemos, está presente e depois se apresentará para nós, gostaria que vocês fizessem uma relação, como ele era da CGT, então, ele tinha vínculo e conhecimento com outras frentes sindicais.

Relatos sobre os marítimos, vocês têm memória, lembrança de alguma reunião com os marítimos?

Teve uma situação de uma camisa, acho que a Leila falou no seu relato, que ele foi levar uma pessoa que estava com a mão muito machucada, que tinha uma palmatória. Então, essas referências e nomes que vocês possam se lembrar.

Onde foram essas torturas, não só se referiu à 8ª Região?

**A SRA. ISA JINKINGS** – Foi a Polícia Civil que prendeu.

**A SRA. JUREUDA GUERRA** – Queria que se a Senhora pudesse lembrar do endereço da Polícia.

**A SRA. ISA JINKINGS** – Acho que era na 1º de Março, em frente ao Hospital da Ordem Terceira.

**A SRA. JUREUDA GUERRA** – A Senhora tem lembrança do nome de algum escrivão?

**A SRA. ISA JINKINGS** – Não. Esse episódio só soube como aconteceu que foram para libertar o rapaz que era um operário e que tinha sido acusado de roubo e na verdade ele era inocente e foi muito maltratado, saiu com as mãos que nem conseguia passar na manga da camisa.

Mas não sei, esse não tenho.

**A SRA. JUREUDA GUERRA** – Isso o Jinkings contava, situações de tortura que ele presenciou.

**A SRA. ISA JINKINGS** – Isso. Contavam no hospital que ouviam gritos dos presos sendo torturados.

Era a delegacia.

As pessoas escutavam o grito dos presos na delegacia.

**A SRA. JUREUDA GUERRA** – É porque ficava bem em frente, separado por uma ruela estreita. Isso é muito interessante.

**A SRA. LEILA JINKINGS** - Eu tinha oito anos. Então é uma forte lembrança que ficou do que eu vi. Meu pai estava com algumas pessoas porque algumas pessoas freqüentavam muito. O Costinha, que estava sempre por lá. Tenho a impressão de que estava com ele alguém mais velho, um senhor. Então isso marcou. Eu era muito novinha, não tinha um acúmulo maior de informação. Vi porque eu era muito curiosa, eu me interessava.

Ele chegou lá para pegar uma camisa para levar e ele afobado, foram tirar, receber o rapaz que estava com a mão tão inchada de tortura. Só isso que eu sei e vi. Lembro do movimento, mas, nome, não lembro.

**A SRA. JUREUDA GUERRA** - Gostaria de saber se existe mais alguém que tenham conhecimento, pessoal, por relato ou por fazer parte da estrutura do partido, que vocês possam ter convivido, que tenham sofrido algum tipo de prisão arbitrária, ou lá na própria Onze Janelas que também funcionou como espaço; que outros locais de repressão vocês têm lembrança, mesmo que vaga, mas que ouviu dizer e que pudessem contribuir conosco. Sabemos que o Gaspar Viana, mas gostaria que as senhoras pudessem dizer.

**A SRA. ISA JINKINGS** - Eu não lembro bem. Sei que falavam muito que na Marinha houve muita tortura, mas as pessoas que foram torturadas, eu não tenho essa lembrança.

**A SRA. FRANSSINETE FLORENZANO** - E o nome dos que foram expulsos?

**A SRA. LEILA JINKINGS** - Eu tenho anotado tudo isso. Eu posso me comprometer de recuperar esse documento. Essas anotações são documentos, porque na verdade eu fiz um relatório. Mas, a memória está terrível, que até esse pessoal que me procura não vou saber dizer o nome agora.

**A SRA. FRANSSINETE FLORENZANO** - A Senhora pode encaminhar depois?

**A SRA. LEILA JINKINGS** - Posso, eu tenho tudo isso.

**O SR. MARCO POLO** - Dona Isa, faço parte da Sociedade Paraense de Defesa de Direitos Humanos, represento a sociedade aqui nesta

Comissão, SPDDH, naquela época. Prazer em conhece-pegar de conhecê-la. A Leila eu já conhecia também de várias lutas aqui em Belém.

O Jinkings morreu em 1995, mas mesmo depois que ele morreu, houve processo de reconhecimento, de anistia política para ele também?

A Comissão Nacional da Verdade já me indicou várias situações que poderiam ser reparadas. Houve esse tipo de reparação para a família, pelo menos? Isso com relação ao Jinkings. E com relação à senhora, fez algum processo, a senhora tentou também, porque, pelo seu relato a senhora teve o nome vinculado com um comunista, com uma pessoa perigosa, teve sua casa e livraria metralhadas, seu esposo foi preso. A vida de vocês foi toda transformada por conta da ditadura militar, a senhora também fez. Estendo essa mesma pergunta para a Leila.

Uma das questões que quero perguntar é essa que a Jureuda colocou, porque sabemos que houve muitas prisões de sindicalistas; muitos sindicalistas foram afastados. Acho que talvez não tenha sido só o Jinkings, do Basa, pode ter outras pessoas. Se vocês tiverem esses nomes e puderem nos trazer seria muito interessante.

Por fim, sugerir, porque a Comissão Estadual da Verdade vai fazer um relatório, no final, onde vamos sugerir algumas propostas, algumas recomendações, algumas medidas, de como essa história pode ser registrada, que tipo de reparação pode existir a Nível Estadual, que sabemos que tem menos incidência, é claro que será uma coisa mais local, mas que vai haver.

Então, se vocês também tiverem sugestões, inclusive a partir de hoje farei essa sugestão para todas as pessoas que formos entrevistar, que tipo de ações, propostas e sugestões de vocês que podemos também incluir no relatório. O que vocês acham que poderíamos incluir como recomendação, proposta ou alguma coisa assim?

Mas, obrigado pelo depoimento de vocês, foi muito bom.

**A SRA. ISA JINKINGS** – Muitos anos antes de morrer, o Jinkings entrou, e foi um dos primeiros quando foi fundada, na ABAP, Associação Brasileira de Anistiados Políticos, em Brasília, que era o Carlos Fernandes, que já morreu também. Ele entrou com uma representação junto com outros, e quando saiu a decisão, a indenização dele foi de doze mil reais. Inclusive, fiz uma carta, na época o Ministro da Justiça era o Tarso Genro, eu fiz uma carta à Comissão Nacional da Verdade, reclamando de tudo isso, historiando como foi a história do Jinkings, que era um absurdo, porque na verdade a reivindicação era o seguinte: ele teria que passar a receber como indenização o mesmo que ele estaria recebendo se na ativa estivesse, e para isso eles verificavam quanto estariam ganhando os pares, as pessoas que eram da mesma época dele.

Na verdade ele alcançou o grau mais alto de funcionário no BASA, ele trabalha com um diretor. Na época ele já teria uma resposta do BASA, dando como salário que ele receberia, se estivesse na ativa, quatro mil e poucos reais. Quando saiu a decisão, saiu três mil, ou nem chegava a três mil, e eu fiz essa carta.

Depois eu entrei com uma ação com um advogado que trabalha para a ABAP e está até hoje. Já saiu a decisão, mas tem muita gente na fila, e eu perguntei: “-Não tem prioridade, eu já tenho 81 anos?” Só que tem muita prioridade, porque todo mundo é idoso. E até hoje não recebi nada. Mas, não entrei com nenhuma ação no meu nome.

**A SRA. JUREUDA** – Eu estava ouvindo vocês relatando, memorizando sobre Belém, citando ruas e tudo mais, e também na colocação do Marco Apollo. Eu fiquei pensando em uma das sugestões, qual a impressão, qual o efeito, porque eu como Psicóloga gostaria de ouvi-las, qual o efeito, na perspectiva da psicologia, ao transitarem ali pela Casa das Onze Janelas como se nada tivesse acontecido, ao transitarem por um cartão postal, como é hoje, inclusive mudado o nome para Polo Joalheiro, como se ali também não tivesse sido um lugar de tortura e também aquele espaço das Onze janelas; se deparar em escolas como Jarbas Passarinho, Conjunto Médici e por aí, gostaria de saber qual é para vocês esse impacto da cidade como se tivesse sido repaginada, como se essa história não nos fizesse parte e como é que podemos fazer essa reparação que também é papel da nossa Comissão Estadual da Verdade?

**A SRA. ISA JINKINGS** – Olha, logo que ficou pronto a Casa das Onze Janelas o Paulo Chaves me pediu que eu fizesse um levantamento das pessoas que tinham sido presas lá junto com o Jinkings para que ele fizesse um memorial. Acho que não era difícil que eles fizessem esse levantamento porque eu lembrei de alguns, mas acho que não era meu papel.

Realmente assim, a primeira vez que entrei lá fiquei emocionada porque inclusive fui a uma exposição de fotografia nos altos de que a Leila participou e lembrei muito, só que está bem modificado, nós só lembramos do local, e eu lembrei que quando começaram as visitas nós combinamos assim, como o tempo era curto, para não perder tempo eu levava uma carta já pronta e ele me entregava outra. Eu saía com as crianças, atravessava para o Forte do Castelo, enquanto eles ficavam brincando nos canhões eu ficava lendo a carta e chorando. Isso eu lembro.

**A SRA. LEILA JINKINGS** – Acho que essa questão da desfiguração é um desrespeito com a nossa memória. Essa lista que o Paulo pede para a mamãe estou sabendo disso agora por que é um resgate tão difícil de fazer e só a mamãe deve ter essa informação das pessoas que estiveram presas ali. E não é isso, é porque você faz todo, é lindo o lugar. É lindo, só que ele está maquiando uma história que estava ali e precisava ter, tem um exemplo em Recife, tem o exemplo da Casa de Detenção que hoje é uma Casa de Cultura, mas que ninguém esquece que foi uma Casa de Detenção porque a história está lá contada, as grades estão lá do mesmo jeito, as lojas são chamadas de celas e tem uma cela guardada; claro que no Polo Joalheiro parece que tem um lugar, mas que não valoriza assim, não resgata essa memória, não te induz a conhecer a história, e mais sério acho na Casa das Onze Janelas que entrei ali é outro lugar, quase não tem nada. Tem as paredes ali, tudo lindo, mas ele teria que ter

guardado ali, marcado a história e esse nome que grande festa é essas pessoas que estiveram ali presas. Não tem sequer o nome registrado ali, uma placa e a memória marcada com fotografias, com uma maquete, sei lá, o Paulo sabe muito bem como fazer isso, ele é muito competente como arquiteto.

Então é isso, acho que temo exemplos aí de espaços que foram reconstruídos, restaurados, mas sem esconder a história, sem anular a história, sem esse desrespeito a memória das pessoas que viveram e sofreram ali.

**O SR. PRESIDENTE** – Antes de passar a palavra para quem quiser fazer alguma intervenção gostaria de registrar a presença da Presidente do Sindicato dos Jornalistas a Roberta Vilanova, Presidente do SINJOR; registrar a presença da Adriana do Conselho Regional de Psicologia como também do Marcelo, da União de Negras e Negros pela Igualdade.

Registrar também que a bancada do PT apresentou projetos que reflete essa questão do Relatório da Comissão da Verdade. Esses Projetos versam sobre a proibição de comemorações relativas ao golpe militar; a proibição de homenagens a envolvidos no golpe de 64 como também a questão da autonomia do IML, que são medidas importantes e creio que tratam dessa questão como um todo.

Mas gostaríamos de abrir a palavra a Dulce Rosa.

**A SRA. DULCE ROSA** – Gostaria de fazer uma pergunta para a Leila. Ela falou de um livro que seu pai lhe deu do Gregório Bezerra. Você lembra o ano desse livro? Porque eu fui a pessoa quem datilografou este livro quando ele chegou à União Soviética, quando chegou a Moscou ele estava muito triste ai encontramos um trabalho para ele fazer e ele fazia suas memórias. E eu fui uma das pessoas quem datilografou o primeiro livro que ele escreveu. Começamos em 1970, por isso gostaria de saber de quem era o livro que seu pai deu a você?

Depois, quanto ao Paulo Chaves, francamente eu não posso engolir este negócio, foi ele que saía por ai denunciando quem era comunista, seja com laçarote ou com gravata ou lenço no pescoço, denunciando quem era comunista e vem pedir para ti para fazer a relação, ele deveria ser o primeiro, a saber, qual é. E ele era uma pessoa que tudo que ele faz é lindíssimo, mas não tem nada a ver com a memória de ninguém, com nenhum tipo de memória, nem histórica, nem política, ele deturpa a nossa memória.

Mas eu queria saber a questão do Gregório.

**A SRA. LEILA JINKINGS** – Talvez eu consiga confirmar isso com minha irmã Nilce, para ver se conseguimos resgatar essa data, pois eu achei que fosse mais cedo, mas pode ser 70, eu estava em Belém.

**A SRA. DULCE ROSA** – Ele saiu da prisão em 1969, foi o primeiro trabalho do grupo. Não? E ele já estava com 17 anos, não sei quantos anos ele já estava lá dentro. O livro não pode ser anterior a 1970.

**A SRA. LEILA JINKINGS** – Ele é muito simplesinho.

**A SRA. DULCE ROSA** – Olha, não sei se dá até o terceiro ano primário.

**A SRA. LEILA JINKINGS** – Não eu digo o livro, é como se ele fosse artesanal. É bem pequenino.

**A SRA. DULCE ROSA** – É? Então é outro porque o que fizemos era bem maior.

**A SRA. LEILA JINKINGS** – Talvez tenha circulado um depoimento. Será? Sei que era esse nome, o título era esse. Eu vou resgatar isso.

**A SRA. DULCE ROSA** – Em 1970? Ainda estava a ditadura bem forte.

**A SRA. LEILA JINKINGS** – Eu era bem pequena.

**A SRA. DULCE ROSA** – Não sei nem como este livro chegou...

**A SRA. LEILA JINKINGS** – Era um livro bem pequeno.

**A SRA. DULCE ROSA** – Não sei nem como este livro que datilografei - eu datilografei alguns artigos, porque éramos em vários que nos oferecemos para fazer esse trabalho - não pode ter sido publicado aqui.

**A SRA. LEILA JINKINGS** – Pois é! Não sei nem se era publicado ou se era uma coisa de circulação restrita.

**A SRA. DULCE ROSA** – Quando ele voltou em 1979 cheguei a vê-lo antes, em 1978 eu o vi e ele me disse que estava publicando este livro.



Logo depois ele voltou para cá, pode ser que tenha publicado naquela ocasião. Em 1980.

**A SRA. LEILA JINKINGS** – Em 1980 já não foi, pois eu estava em Brasília. Mas eu vou anotar e tentar resgatar isso.

**O SR. PRESIDENTE** – A palavra está franqueada. Concedo a palavra a Roberta Villanova, Presidente do Sindicato dos Jornalistas.

**A SRA. ROBERTA VILLANOVA** – Boa-noite. Meu nome é Roberta Villanova, Presidente do Sindicato dos Jornalistas. Agradeço a oportunidade de ouvir essa história, porque livraria Jinkings, na minha memória de criança, está ligado a compra de livros, mas não sabemos tudo que vocês passaram. Registrar uma fala da Leila sobre o trabalhador jornalista, que ele não se considera um trabalhador.

O comportamento que você experimentou continua presente hoje, as pessoas atêm veem os jornalistas como artistas, veem só o glamour, principalmente os de TV, mas ele não se reconhece como trabalhador. Essa é uma dificuldade que enfrentamos ainda hoje.

Então contem com o apoio do sindicato dos jornalistas para levar essa história de vocês adiante que desconhecemos, realmente.

**O SR. PRESIDENTE** – Obrigado, Roberta. Eu gostaria de passar a palavra à Auxiliadora. A Auxiliadora encaminha há dois dias um documento para a Comissão da Verdade do Pará sobre a prisão e a tortura do pai dela e é um processo absolutamente documentado. Eu tenho a impressão, Franssinete, Marco, Jureuda e Renato, que é um dos mais bem documentados que já recebemos, e o pai dela era ligado à CGT. Participou da Revolta dos Marítimos em 1963, em 1967 foi preso. Ela, inclusive, foi torturada, o pai foi torturado, ela apanhou na infância, por agentes da repressão política.

Então passarei a palavra para ela. Ela está encaminhando esse documento, a família nos procurou e a convidamos a vir no dia de hoje para que pudesse entregar esse documento para nós.

Interessante é que ela exatamente aparece no momento em que o depoimento é sobre o Jinkings, ele que presidiu a Central Geral dos Trabalhadores. Então é algo muito singular aqui na nossa oitiva.

Com a palavra a Dona Auxiliadora.

**A SRA. NAZARÉ AUXILIADORA** – Boa-tarde. Já está vindo a noite, não é? Sou professora do Estado, bibliotecária e ainda estou estudando na Federal. Gostaria de dizer que vocês estão de parabéns. A Senhora é a memória

viva da história do Brasil, faz parte da história do Brasil no contexto atual e do passado, até pode cooperar muito conosco.

Muito obrigada, Dona Leila e Dona Isa, a Senhora Jinkings.

Quando a Senhora falou, Dona Isa, no seu Milton que era do CINAP.

**A SRA ISA JINKINGS** – Não, não foi do estivador Miguel Costa.

**A SRA. NAZARÉ AUXILIADORA** – Esse Miguel, do CINAP, ajudou muito o meu pai.

**A SRA ISA JINKINGS** – Foi?

**A SRA. NAZARÉ AUXILIADORA** – Foi, ele ajudou. E olha só, tudo deu certo na tarde de hoje, a senhora veio e bateu seu depoimento com muita coisa.

Fui torturada na central de Polícia junto com ele. Papai não queria saber de torturar ninguém, ele não era. Mas só que todo mundo era julgado comunista, quem não aceitava o regime da época, não aceitava as barbaridades que eles cometiam. Então todo mundo era julgado comunista, acho que até eu porque eu ia com a mamãe. Papai viajava para Europa e a mamãe ia para Central de Polícia ver se conseguia pegar os documentos dele, o passaporte dele que ele estava preso.

Sofri uma barbaridade tão grande lá, apanhei junto com a mamãe.

**A SRA FRANSSINETE FLORENZANO** – Qual era a tua idade?

**A SRA. NAZARÉ AUXILIADORA** – Cinco anos para seis.

**A SRA FRANSSINETE FLORENZANO** – Por que vocês foram torturadas?

**A SRA. NAZARÉ AUXILIADORA** – Porque eles diziam que eu era filha de comunista. Famigerado comunista, era assim que eles falavam para mim, o Tenente Orlando, o seu Luz e mais umas pessoas lá. Era aqui nessa Central de Polícia, em frente à Ordem Terceira, na Gaspar Viana, a antiga Central de Polícia. Era de lá que vocês estavam falando ainda há pouco.

Quando vocês citaram me veio uma lembrança muito grande e aí eu chorei, porque só quem sabe o que eu passei lá com a minha mãe. Minha mãe foi extorquida de tudo, ficamos sem nada, a bom a dar dinheiro para eles, levar. E ele dizia que se a mamãe não levasse as coisas para eles iam... No outro dia era um, um aviso deles para 8ª Região, para o Quartel da 8ª. Região que o papai ia morrer. Ele fazia para extorquir o que a mamãe tinha, o que a gente tinha. Ficamos sem nada porque ele fez tudo isso conosco.

**A SRA. FRANSSINETE FLORENZANO** – Ele estava preso?

**A SRA. NAZARÉ AUXILIADORA** – Não. O papai precisava viajar para Europa e ele veio a descobrir que o nome dele estava nessa confusão. Papai não aceitava as coisas que eles faziam com muita gente. Eu tive oportunidade de ver, bem pequena, as pessoas apanhando, os estudantes. O movimento estudantil em todo Brasil estava confirmado, ninguém aceitava. Eu vi muita coisa acontecer lá; olhem como eu fico tremendo, desculpem-me. Até hoje não consegui esquecer ainda. Eu sou professora, trabalho numa sala de aula com muita criança e digo: Olha vocês têm sorte, graças a Deus, vocês não passaram pelo que passei. Eu fico olhando e digo assim só comigo.

Então, eu vi muita coisa lá, o pessoal apanhando, os rapazes todos de cueca, as moças todas apanhando debaixo de uma escada; aquela escada ainda tem nessa central de polícia. Naquele prédio já passou diversas delegacias e ainda tem a escada e atrás dessa escada as pessoas apanhavam, sofriam muita pancada porque os chamavam de comunistas também.

**A SRA. FRANSSINETE FLORENZANO** – Em que ano se deu isso?

**A SRA. NAZARÉ AUXILIADORA** – 1967.

**A SRA. FRANSSINETE FLORENZANO** – Seus pais foram presos por que?

**A SRA. NAZARÉ AUXILIADORA** – A primeira prisão do papai eu tinha um ano de idade. O papai fez uma viagem ao Rio de Janeiro, depois ele foi a Brasília no movimento dos sargentos...

**O SR. PRESIDENTE** – A Revolta dos Sargentos.

**A SRA. NAZARÉ AUXILIADORA** – O papai participou da Revolta dos Sargentos.

**O SR. PRESIDENTE** – Eu tenho a impressão Auxiliadora e demais membros da Comissão da Verdade, de que precisamos organizar essa escuta da Auxiliadora, da família como um todo, da esposa do seu Orlando...

**A SRA. NAZARÉ AUXILIADORA** – Isso!

**O SR. PRESIDENTE** - ...Mãe da Auxiliadora, Dona Leonice é uma pessoa muito lúcida ainda...

**A SRA. NAZARÉ AUXILIADORA** – A mamãe é.

**O SR. PRESIDENTE** - ... É uma pessoa muito lúcida que tem lembrança dessa militância, dessa luta dos marítimos. Então, acho que precisaríamos primeiro fazer o registro da sua presença aqui, da documentação que a senhora encaminha à Comissão da Verdade para que possamos marcar uma oitiva e nos concentrar nela, de acordo com essas informações. Até porque tem muitos documentos reveladores assinados pelos agentes da repressão que é uma coisa muito rica. Tenho a impressão de que do ponto de vista dos trabalhadores daquele período é o caso mais rico que temos.

Gostaríamos de iniciar a conclusão do trabalho e perguntar se alguém tem mais perguntas?

**A SRA. NAZARÉ AUXILIADORA** – Deixe-me concluir, por favor?

**O SR. PRESIDENTE** – Conclua, por favor.

**A SRA. NAZARÉ AUXILIADORA** – Depois continuou até 1979, o papai tendo que pegar um documento que está aí, uma autorização para poder viver na rua conosco. O papai mantinha muita gente, ele nos deixava de fora porque ele tinha medo, assim como o seu pai Dona Leila, ele também deixava vocês de fora, tinha medo e pensava nas crianças; por isso ficávamos fechados. Ficamos felizes em 1985 quando aconteceu a deposição, quando os ditadores caíram e aí veio o primeiro Presidente civil, graças a Deus, o Tancredo Neves, que não assumiu, mas veio outro. Aí foi quando ficamos mais calmos, porque vivíamos numa repressão muito grande.

**O SR. PRESIDENTE** – Muito bem, Auxiliadora, vamos ouvir todo esse relato. Acho muito importante nos apropriarmos dessa narrativa para que possamos incorporar no relatório da Comissão da Verdade.

**A SRA. NAZARÉ AUXILIADORA** – E depois na Casa das Onze Janelas, também, ele sofreu lá uma perseguição, ficou de joelho no gelo, que a mina irmã menor já tinha treze anos, nesse tempo e tirou ele de lá, no gelo.

**O SR. PRESIDENTE** – Quero perguntar se a Leila e a Dona Isa queriam fazer a finalização da nossa Reunião, da nossa Oitiva?

**A SRA. ISA JINKINGS** – Quero agradecer, é uma honra ter participado da Comissão da Verdade, de termos essa oportunidade de ser ouvida, e me colocar e a Leila, com certeza, a disposição par qualquer fornecimento de documentos que precisar.

**A SRA. LEILA JINKINGS** – Quero agradecer a oportunidade e também, parabenizar o trabalho de vocês e dizer que tenho acompanhado sempre, estou sabendo da importância desse trabalho que está sendo feito por vocês, desta Comissão, e torce pelo sucesso e me prontificar também; na verdade não vim prevenida, o Jaime já me convidou, estava já vindo, e não tive oportunidade de parar para recolher, mas tenho que me comprometer de resgatar algumas coisas, algo mais, até que tenhamos lembrado e, principalmente, documentações que amplie as informações que demos e algumas específicas como a que a Florenzano me pediu.

Passei algumas fotografias e fiquei devendo, também, alguns documento para você, Jaime. E vamos escanear algumas coisas que temos reunido, e vou fazer algumas buscas, até porque estou fazendo agora esse documentário e acabamos mexendo, mas, também, tem o próprio movimento que participei que falei aqui muitas coisas que tenho os arquivos ali mas não tenho de pronto para passar, tenho que resgatar, mas está tudo documentado, tenho tudo.

Muito obrigada, e parabéns.

**O SR. PRESIDENTE** – Em nome da Comissão da verdade, gostaria de saudar e parabenizar a presença da Dona Isa e da Leila Jinkings, penso que a oitiva e a narrativa que elas realizaram na tarde de hoje é, absolutamente, rica, para que possamos compreender o que foi a Ditadura Militar no Estado do Pará e, principalmente, que o ano de 2015 registra os cinquenta anos da Livraria Jinkings, acho que isso é uma coisa importante, porque em certa medida, a Livraria Jinkings jogou um papel muito importante e decisivo, numa sociedade obscurantista como era a sociedade paraense na década de 60, 70, 80 no período, naturalmente, da Ditadura e do Regime Militar.

Penso que datas como essas, são absolutamente importantes para que possamos travar, na atualidade, aquilo que se propõe a Comissão da Verdade do Pará que é, exatamente, trazer à tona essa narrativa, para que isso nunca mais aconteça, para que nós não tenhamos, nunca mais, na história do País, quarteladas, golpes de estado, porque, via de regra, as elites brasileiras, sempre procuram por esse caminho, e é uma realidade que observamos na conjuntura, inclusive, no nosso País.

Então, quero agradecer, imensamente, a narrativa das duas, tenho a impressão, como outros membros da Comissão da Verdade, de que as senhoras, tanto a companheira Leila, como a Isa, serão chamadas para que possam enriquecer, cada vez mais, o nosso Relatório.

Falo isso em particular Leila, com o fato dessa questão dos Padres do Araguaia, esse recorte histórico que você acompanhaste, esse episódio que ouve em Ourém, que é muito importante, e naturalmente, essa memória está em construção e para isso precisamos cerrar fileiras naquilo que se propõe a Comissão da Verdade, que é, exatamente, vacinar a consciência democrática, a consciência social para todo esse período da história o Pará e do país.

Então, aqui em nome dos meus colegas quero agradecer, imensamente, a narrativa das duas. Tenho a impressão, como outros membros da Comissão da Verdade, de que as Senhoras, tanto a companheira Leila como a Isa serão chamadas para que possam enriquecer cada vez, quer dizer, o nosso relatório. Falo isso, em particular, Leila, com o fato dessa questão dos Padres do Araguaia, esse recorte histórico que tu acompanhaste. Esse episódio que houve em Ourém que é muito importante, e naturalmente essa memória está em construção, e para isso nós precisamos, quer dizer, serrar fileiras naquilo que se propõe a Comissão da Verdade, que é exatamente vacinar a consciência democrática, a consciência social para todo esse período da história do Pará e do País.

Então, em nome aqui dos meus colegas comissionados: da Jureuda, do Renato, do Deputado Carlos Bordalo, do Marco Apolo e da Franssinete queria agradecê-los por esse momento importante para a nossa Comissão.

Muito obrigado às companheiras, e uma boa tarde a todos.

**Encerramento** - Às 18 horas e 52 minutos.